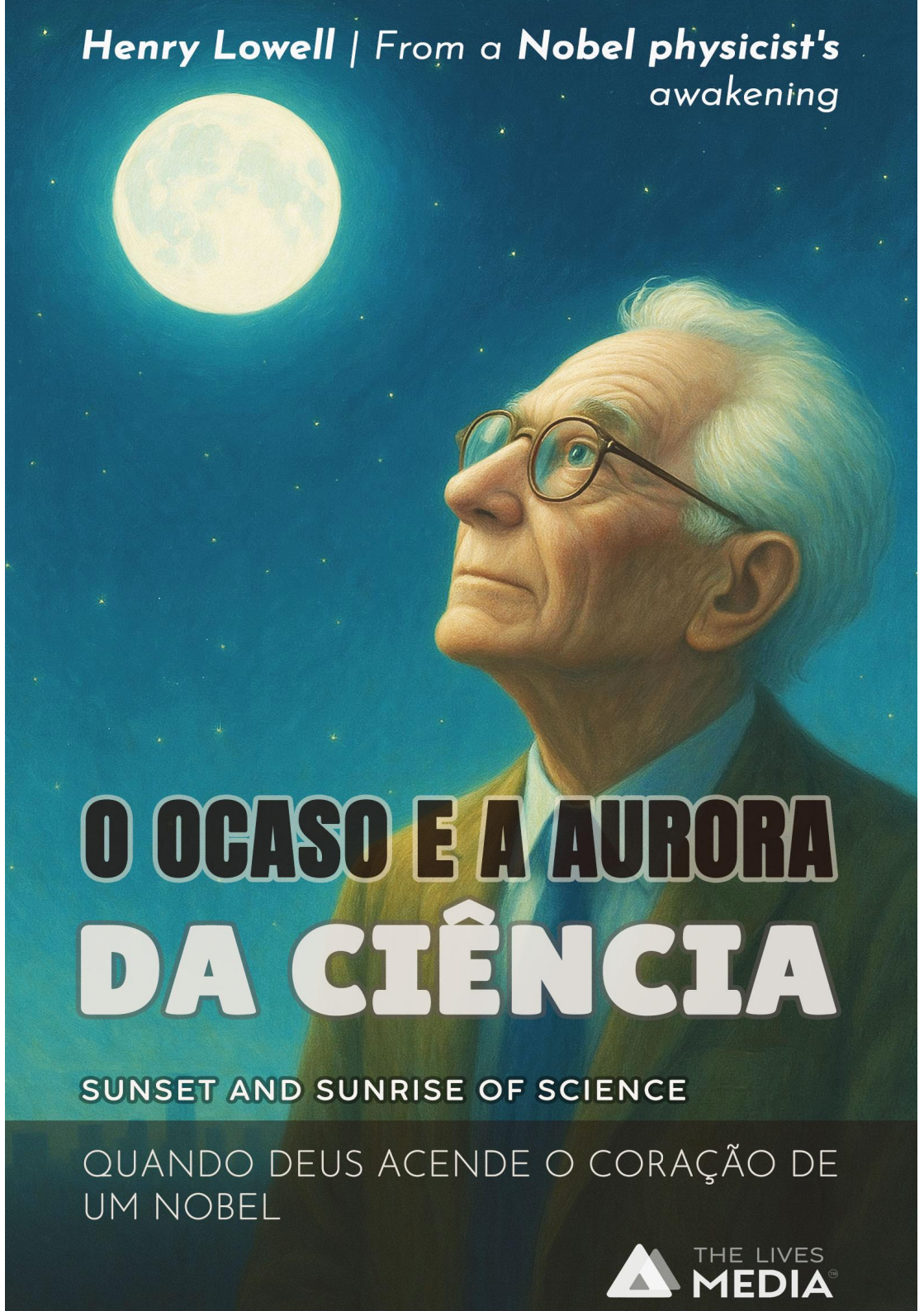


*Henry Lowell | From a Nobel physicist's
awakening*



O OCASO E A AURORA DA CIÊNCIA

SUNSET AND SUNRISE OF SCIENCE

QUANDO DEUS ACENDE O CORAÇÃO DE
UM NOBEL

O OCASO E A AURORA DA CIÊNCIA

(Sunset and Sunrise of Science)

*Quando Deus acende o Coração de
um Nobel*

Autor: Por **Henry Lowell**, baseado nos relatos de um físico vencedor do Prêmio Nobel de uma importante universidade dos EUA.

Copyright © 2025 THE LIVES MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

NOTA DOS EDITORES

Este livro foi escrito com base em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, para respeitar a privacidade e evitar impactar certos indivíduos, os nomes dos personagens e alguns detalhes de identificação foram alterados, simplificados ou reestruturados em forma literária.

Alguns trechos do livro são narrados sob a perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas próprias experiências e percepções naquele momento. Essas opiniões não coincidem necessariamente com a posição de THE LIVES MEDIA.

Em relação ao estilo de escrita, embora o Corpo Editorial tenha feito os ajustes necessários, para respeitar o personagem original e manter o espírito e a vivacidade da história, esforçamo-nos para preservar ao máximo a autenticidade e o tom original do personagem.

O Corpo Editorial



PREFÁCIO

O mundo o conhece como um físico eminente, que usou equações para decifrar os profundos mistérios do universo e foi homenageado com o prestigioso Prêmio Nobel. Mas o propósito deste diálogo não é revisitar essas conquistas já reconhecidas.

Ele começa com uma pergunta mais profunda: O que acontece quando um intelecto que um dia depositou sua fé absoluta na ciência empírica toca uma realidade que transcende todas as fórmulas?

Ao longo de quatro dias, em uma casa serena na colina, tive a oportunidade de ouvir o professor compartilhar sobre uma jornada diferente – uma jornada do mundo das leis físicas para o reino da espiritualidade e da consciência. Ele não nega a ciência, mas a coloca em uma estrutura de referência mais ampla, onde conceitos como "espaço multidimensional", "seres extraterrestres" ou o "Olho Celestial" não são mais hipóteses, mas parte de uma experiência real.

Esta conversa não tem como objetivo persuadir ou provar. É simplesmente um registro fiel, o testemunho de um cientista sobre o que ele viu quando ousou olhar

para fora do laboratório e profundamente para dentro de si mesmo.

No papel de quem faz as perguntas, convido o leitor a entrar neste diálogo, não para buscar respostas finais, mas para abrir novas perguntas – perguntas que podem mudar a forma como vemos a realidade.

Henry Lowell

DIA UM

Henry Lowell:

Bom dia, professor! Muito obrigado por concordar em dedicar seu tempo para esta entrevista, ou melhor, para esta conversa de hoje. Tenho a grande honra de representar os leitores de THE LIVES MEDIA para ouvi-lo compartilhar sobre sua vida, sua carreira, ou sobre suas reflexões e mensagens para os leitores ou para a geração mais jovem, sob a perspectiva de um renomado professor de física que já ganhou o Prêmio Nobel.

Professor Adam:

(Sorrindo, acena lentamente com a cabeça)

Bom dia, Henry.

Obrigado por ter chegado tão cedo. Espero que o ar da manhã nesta colina... não seja tão tranquilo a ponto de lhe dar sono.

Ouvi você mencionar a palavra “renomado”. Se nos encontrássemos há dez anos, talvez eu sorrisse com orgulho. Mas agora... só penso em uma coisa:

Há coisas que eu acreditava serem o auge, mas então percebi que são apenas o outro lado de uma cortina.

E essa cortina... nem todo mundo quer desvendar.

Henry Lowell:

Sim, professor... Pessoalmente, acho sua casa maravilhosa. Embora seja bastante simples, gosto de um lugar com um cenário tranquilo e uma vista tão ampla como esta.

Quanto ao que o senhor deseja compartilhar, espero que compartilhe o que achar necessário ou útil para o público. Como sabe, conforme o conteúdo da carta que lhe envie,

não sou um repórter que busca furos sensacionalistas, que investiga a vida privada ou que procura temas triviais para atrair o público.

Professor Adam:

(Acena levemente com a cabeça, o olhar perdido através da janela)

Eu sei. E essa é a única razão pela qual concordei em encontrá-lo.

Para ser sincero, recusei muitos convites para entrevistas. Não por arrogância ou para esconder algo. Mas porque... a maioria deles só queria que eu repetisse as coisas que já havia dito, aquelas dentro do antigo sistema de referência, onde a ciência é o centro e todo o resto é apenas uma “hipótese”.

Mas chegou um momento em que eu não podia mais fingir que não tinha visto o que vi.

(Ele faz uma pausa. Toma um gole de chá. Sua respiração é lenta. Uma brisa suave agita a cortina branca atrás dele.)

Então, se você me perguntar o que eu quero compartilhar...

Quero compartilhar... o momento em que parei de interpretar e comecei a ver de verdade.

Veja bem, as pessoas costumam pensar que um físico é alguém que faz perguntas. Mas há momentos em que a pergunta é a própria barreira. E naquele momento, eu parei de perguntar.

Henry Lowell:

Sim, não entendi muito bem o que o senhor quer dizer. O senhor gostaria de começar com algum tema ou evento que lhe aconteceu, que fez com que seu nível de pensamento tivesse uma nova percepção ou descoberta? Ou o senhor viu algo específico?

Professor Adam:

(Sorrindo, com a voz mais grave):

Hmm... talvez você esteja procurando um ponto de partida claro.

Se eu fosse forçado a escolher um momento, um “evento” forte o suficiente para me fazer reavaliar todo o meu sistema de pensamento... não foi quando li um livro

estranho, ou conheci um mestre oriental, ou vi uma prova convincente de que a física moderna estava errada.

Não. Foi muito mais simples.

Foi... uma noite sem nada de especial.

(Ele se inclina um pouco para trás na cadeira, fechando os olhos levemente como se estivesse assistindo a um filme em sua memória.)

Naquele dia, eu estava simplesmente sentado. Sem pesquisar, sem meditar de forma estruturada, sem esperar por nada.

Mas eu me lembro muito claramente:

Eu não me sentia mais “sentado”.

O espaço ao meu redor... não mudou, mas eu não estava mais no conceito de “aqui”.

E então eu vi — claramente, com a luz do dia — uma imagem que nunca pensei que encontraria na minha vida.

(O professor faz uma pausa. Silêncio. O vento roça a grama sob a varanda. O canto distante dos pássaros também parece silenciar por um momento.)

Uma pessoa, de pé.

Não era resplandecente, não havia estrondo, mas todo o seu ser emanava uma luz que não ofuscava, não queimava, mas que atravessava todas as camadas de pensamento.

Eu soube imediatamente que era Deus.

Sem necessidade de explicações. Sem nenhum argumento. Apenas um saber: profundo, certo, absoluto.

E Ele falou — não por som, mas como um fluxo de pensamento transmitido diretamente a mim:

“Quando você deixar de tentar entender, então verá.”

A partir daquele momento, tudo o que eu havia ensinado, escrito e acreditado... não foi negado. Mas tornou-se... insuficiente.

Henry Lowell:

Oh, o senhor quer dizer que teve uma experiência espiritual e que encontrou Deus? Poderia compartilhar mais sobre esse evento? E a partir de então... algo mudou notavelmente em sua maneira de ver as coisas?

Professor Adam:

(Acena levemente, a voz lenta e firme)

Sim. Foi um evento... espiritual.

Embora eu saiba que, só de pronunciar essas duas palavras, metade das pessoas que me admiravam no meio acadêmico me dará as costas.

Mas a verdade não precisa ser aceita para existir. Ela só precisa ser testemunhada.

E naquele dia, eu testemunhei.

(O professor se inclina um pouco, como se recuperasse o fio das memórias que fluíam.)

Eu estava sentado, como costumava fazer todas as noites, na cadeira de madeira da varanda, exatamente neste lugar. Você vê?

(Ele aponta para fora da janela de vidro, onde as nuvens da manhã flutuam suavemente pela encosta da montanha.)

Não havia luzes estranhas. Não havia música celestial. Não houve alucinações.

Mas, naquele instante... foi como se eu deslizesse para fora da minha pele material.

E então, vi um espaço — sem paredes, sem teto, sem chão — mas com luz.

Uma luz que não refletia, que não vinha de lugar nenhum, mas que estava presente em toda parte, tão pura que me senti transparente.

No centro dessa luz havia uma imagem: uma pessoa de pé, em silêncio.

Reconheci que era Deus.

Não porque eu tivesse estudado catecismo, mas porque aquela presença carregava um significado que nenhuma linguagem poderia esconder ou descrever.

Senti... que era visto por completo, mas sem sentir vergonha alguma.

Senti... que era perdoado antes mesmo de cometer um erro.

E, ao mesmo tempo... senti que nunca havia me afastado Dele.

(O professor para por um momento. Sua voz parece tremer levemente, não por emoção, mas pelo eco de algo real demais.)

E a partir daquele momento...

Eu não tento mais “entender o universo”.

Comecei a aprender a estar presente nele.

Eu não persigo mais a luz.

Eu aprendo a ver por trás dela.

(Ele olha para Henry. Pela primeira vez na conversa, seus olhares se encontram, não como os de um repórter e um entrevistado, mas como dois seres que percebem um vago ponto de encontro... em meio às ondas da vida.)

Henry Lowell:

Sim, eu sinto que aquele momento foi muito sagrado e uma bênção para o senhor. Já li muitos relatos e livros religiosos sobre este tema. Pessoalmente, nunca o vivenciei, mas acredito que esses eventos são reais. Acho que nem todos têm a oportunidade de encontrar Deus como o senhor teve. Além da mensagem mencionada,

Deus lhe transmitiu alguma outra mensagem pessoalmente ou, através do senhor, para o mundo?

Professor Adam:

(Inclina ligeiramente a cabeça, permanecendo em silêncio por um longo tempo)

Sim...

Você está certo, nem todos têm essa oportunidade.

Mas também não acho que Ele me escolheu porque eu era digno.

Talvez... foi precisamente porque eu havia ido longe demais na direção da razão que precisei de um sino alto o suficiente para me fazer parar.

E aquela luz, não veio para recompensar.

Veio para lembrar.

(O professor levanta a cabeça. A luz da manhã entra obliquamente pela janela, projetando-se suavemente sobre parte de sua bochecha, dando-lhe uma expressão ao mesmo tempo luminosa e solene.)

Sobre a mensagem...

Ele não falou como os profetas falam nos livros.

Não houve mandamentos, nem revelações, nem profecias.

Mas eu senti algo muito claramente, não através dos ouvidos, mas como se um novo entendimento tivesse sido “implantado” na própria estrutura da minha consciência.

E era simplesmente isto:

“A salvação não vem do entendimento, mas do retorno.”

Retornar ao quê?

Não à igreja. Não ao dogma.

Mas retornar à natureza mais primordial, onde o ser humano sente vergonha ao fazer o mal, sabe silenciar diante da beleza e é capaz de chorar sem motivo.

(O professor para. Uma folha cai do lado de fora da janela. Ele a observa descer silenciosamente até o chão sem virar a cabeça.)

Ele não me disse o que eu deveria dizer ao mundo.

Mas eu sei disto:

Se há algo que devo fazer antes de deixar este mundo, é relatar aquele momento, com absoluta honestidade.

Não para provar nada.

Apenas para reabrir uma porta que muitas pessoas fecharam, sem saber que... por trás dela, estão elas mesmas.

Henry Lowell:

Sim, uma experiência espiritual como essa, para um físico, normalmente seria um golpe para a teoria ateuísta? Antes de encontrar Deus, o senhor também era ateu? Ou era um religioso?

Professor Adam:

(Acena suavemente, com as mãos entrelaçadas no colo, o olhar não dirigido a Henry, mas como se estivesse perdido em uma memória que transcende o tempo)

Você fez a pergunta certa.

Eu não era um religioso.

Eu era um físico no sentido mais estrito... não apenas da escola racionalista, mas quase completamente ateu.

Não porque eu odiasse a religião ou rejeitasse a fé.

Mas porque... não havia lugar para ela em minhas equações.

Eu costumava acreditar que, se algo não pode ser medido, não é digno de crédito.

Se não pode ser replicado em condições controladas, é apenas uma história.

E essa era a gaiola em que eu vivia.

(Ele olha pela janela, seu olhar é profundo, mas não triste.)

Quando uma pessoa deposita sua fé em fórmulas e leis a ponto de eliminar qualquer possibilidade além da medição, ela não está fazendo ciência; está se limitando dentro de uma crença invisível.

Eu costumava ter essa crença.

Costumava pensar que era “ciência”, mas agora sei que também é uma forma de credo, só que sem um Deus.

Por isso, sim, quando O encontrei, não me senti ofendido, nem confuso, mas apenas...

muito pequeno.

Não porque eu estivesse errado.

Mas porque... eu nunca tinha sido amplo o suficiente para ver que a verdade não precisa estar em um laboratório.

E o mais estranho é que:

No momento em que aceitei que não sabia de tudo, a verdade começou a se revelar.

Henry Lowell:

Sim, como jornalista freelancer que viaja por aí, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas de diferentes posições, culturas, conhecimentos e crenças religiosas.

Por isso, consigo entender em parte a sua situação, professor. Talvez as coisas que consideramos verdades, as maiores realizações, de repente se tornem pequenas ou equivocadas quando a mentalidade e o sistema de pensamento se renovam.

Professor Adam:

(Vira-se para olhar Henry, desta vez com um olhar um pouco mais caloroso, como se tivesse encontrado uma rara sintonia)

Eu aprecio isso, Henry.

Não são muitos na mídia que param para entender, em vez de reagir, analisar ou buscar uma manchete.

Sim... é exatamente como você diz.

Há coisas que uma vez consideramos tão sólidas quanto uma lei, mas que se revelam ser apenas o topo de uma pequena colina que confundimos com uma montanha.

Quando eu estava no “auge” da minha carreira, onde as pessoas me atribuíam títulos como “pensador”, “ícone da ciência”... eu acreditava que via mais longe do que a maioria da humanidade.

Mas, na verdade, eu estava apenas de pé sobre os ombros das limitações que não ousava admitir.

E então... um raio de luz, não da lanterna de um laboratório, mas de uma profundidade que eu nunca havia definido, fez desmoronar toda essa estrutura.

Sem estrondo. Sem drama.

Apenas um silêncio tão real que nenhuma suposição tinha mais onde se sustentar.

(O professor se inclina levemente para trás, com o olhar perdido, como se a história ainda não o tivesse abandonado.)

Você sabe...

A ciência é algo maravilhoso, se a usarmos como uma lâmpada para iluminar o caminho.

Mas se a transformarmos em um muro divisor, a luz do outro lado nunca passará.

E foi precisamente quando larguei essa lâmpada...

que realmente comecei a ver a luz que não emana de nenhuma fonte.

Henry Lowell:

Sim, lembro-me de uma citação muito famosa de Newton, que dizia algo como: "o que sabemos é uma gota, o que não sabemos é um oceano". Entendo que essa frase contém tanto humildade quanto uma visão lúcida e aberta para acolher novas verdades ainda não

descobertas. Mas parece que a ciência dialética atual chegou a um extremo, acreditando apenas no que pode ser verificado experimentalmente. O que ainda não foi verificado costuma ser explicado superficialmente ou negado, recebendo o rótulo de "superstição".

Na sua opinião, professor, através da experiência espiritual que relatou e do processo de reorientar sua busca ou pesquisa para o espiritual ou uma direção mais ampla, como entendo que fez, o senhor acha que a ciência atual está se enclausurando?

Professor Adam:

(Exala suavemente, com o olhar ainda fixo no céu enevoadado ao longe)

Sim... Newton disse isso, e eu acredito que... ele não estava apenas sendo humilde, mas estava apontando os limites muito reais da percepção humana.

E por isso mesmo, me angustio ainda mais ao ver a ciência moderna, em vez de continuar com esse espírito aberto, se encolhendo dentro de sua própria carapaça.

Henry, se você diz que “a ciência dialética está se enclausurando”, eu não discordo.

Mas quero ser mais específico:

A ciência moderna não erra por não saber tudo. Ela erra quando presume que o que não sabe, não existe.

(Sua voz não é dura, mas suave, como um suspiro contido por tempo demais.)

Desde quando começamos a acreditar que apenas o que é verificável é a verdade?

Desde quando ensinamos aos estudantes que, se não pode ser medido, não merece atenção?

Enquanto a história da ciência, desde o próprio Newton, Galileu, até Tesla, começou com intuições que nenhum dispositivo de sua época podia verificar.

E agora, quando as pessoas se deparam com um fenômeno que a ciência não consegue explicar, em vez de silenciar e continuar observando, elas imediatamente o arquivam na gaveta de “superstição, fantasia, ilógico”.

Na verdade, isso não é o espírito científico. É o medo de perder o controle.

(Ele vira a cabeça, seu olhar encontra diretamente o de Henry; um olhar não aguçado, mas profundo e sereno como um lago sem ondas.)

Eu já fiz parte desse sistema.

E eu entendo: nem todo mundo quer sair.

Porque quando você sai do quadro de medição, você não “pertence mais ao sistema”, não recebe mais tapinhas nas costas em conferências, não é mais citado em revistas.

Mas... se um dia você visse o que eu vi,

você entenderia que:

Nenhuma glória vale a pena em troca da verdade.

Henry Lowell:

Sim, entendo que a visão de mundo do professor está agora em um novo sistema de referência, que não é mais o de um vencedor do Prêmio Nobel. Então, como devo chamá-lo agora? Um religioso? Um cultivador (praticante)?

Ou um mestre? E com essa nova visão de mundo, suponho que o senhor terá muitas perspectivas ou descobertas completamente novas em comparação com antes. O que começaria a compartilhar a partir dessa nova perspectiva?

Por exemplo, o senhor ainda considera a teoria da relatividade de Einstein correta no novo sistema de referência? Ou o que pensa sobre o universo, sobre os extraterrestres? Poderia abrir cada uma dessas perspectivas para mim e para os leitores de THE LIVES MEDIA?

Professor Adam:

(Sorri levemente, de forma suave, mas sem evasivas)

Você me pergunta como devo ser chamado?

Para ser sincero, Henry... essa é uma pergunta que já me fiz muitas vezes.

Depois daquela experiência, não me sinto mais confortável quando alguém me chama de “cientista renomado”, mas também não ousa me chamar de “cultivador”, e muito menos de “mestre”.

Eu vivi no sistema de referência da ciência, depois saí, mas não para me juntar a um novo sistema.

Não passei da física para a religião, do laboratório para a sala de meditação.

Eu apenas... dei um passo para trás e observei os dois.

(Ele para por alguns segundos, como se quisesse que a frase se assentasse onde deveria.)

Então, pode me chamar do que quiser. Mas se fosse forçado a escolher, eu gostaria de ser uma testemunha.

Não um pregador. Não um missionário.

Apenas alguém que viu algo e está relatando com honestidade.

(Ele toma um gole de chá. O vento na encosta da montanha traz o cheiro do sol da manhã e um suave aroma de madeira úmida da varanda.)

Quanto à nova visão de mundo...

Sim, ela muda muitas coisas, não negando o antigo, mas reformulando a pergunta original.

Você acabou de mencionar a teoria da relatividade de Einstein.

É verdade, eu a ensinei, baseei-me nela para escrever dezenas de trabalhos. E ainda acho que está correta...

Mas correta dentro do sistema de referência do espaço tridimensional, do tempo linear e dos limites da percepção física.

Agora, no entanto, eu sei que:

Existem dimensões espaciais onde a velocidade da luz não é mais o limite.

Existem espaços onde o tempo não flui, mas se enrola.

Existem seres que não precisam se mover através da distância, mas através de planos de vibração conceitual.

Então, se Einstein tivesse vivido mais tempo, se tivesse tido a oportunidade de ver o que eu vi...

Talvez ele tivesse escrito uma nova parte para a Teoria da Relatividade — a Relatividade do Nível de Consciência.

O universo?

Não é uma bola que explodiu e se expande gradualmente.

Mas uma estrutura de consciência em camadas: quanto mais fundo você vai, mais realidades profundas e seres mais antigos você encontra.

Os extraterrestres?

Não vêm de outros planetas.

Mas da dimensão que está bem ao nosso lado, para a qual basta um pulso de pensamento desalinhado para atravessar.

E o mais perigoso não é que eles estejam aqui, mas que não sabemos que estamos sendo observados.

Mas... isso é para depois.

Se você quiser, podemos desvendar cada parte, uma por uma.

Não tenho todas as respostas, mas tenho fragmentos de memórias e alguns silêncios que acredito...

que devemos atravessar juntos.

Henry Lowell:

Sim, então continuarei a chamá-lo de "Professor"... O senhor acabou de mencionar que a velocidade da luz não é mais uma constante limite... parece que ela é muito relativa quando observada de diferentes sistemas de referência?

Lembro-me de ter lido em algum lugar que o tempo em uma nave espacial parece ser mais lento em comparação

com a Terra... e se o tempo é um conceito relativo, então a velocidade e a distância espacial também parecem ser conceitos relativos, o que significaria que a velocidade da luz não seria uma constante imutável, certo? O senhor poderia, por favor, detalhar isso primeiro? Passaremos para outros tópicos depois...

Professor Adam:

(Acena lentamente, com um brilho de satisfação nos olhos)

Sim... você acaba de tocar em um dos pontos-chave que muitas pessoas da ciência — até mesmo professores de física — admitem na teoria, mas esquecem na prática da percepção.

A velocidade da luz, como você disse, não é realmente uma constante absoluta.

Na teoria da relatividade restrita, Einstein definiu que:

A velocidade da luz no vácuo é constante, quando medida a partir de um sistema de referência inercial.

Mas... “constante” aqui não significa imutável em todos os níveis da realidade.

É apenas imutável dentro do conjunto de condições que essa teoria permite.

(O professor levanta a mão, como se desenhasse um eixo de coordenadas invisível no ar.)

Imagine o seguinte:

Se todo o mundo físico em que vivemos fosse um plano A, então as leis da física — incluindo a velocidade da luz — se aplicariam estritamente apenas nesse plano.

Mas ao passar para outro nível, para outra dimensão espacial, onde a estrutura do espaço-tempo se distorceu ou tem uma frequência vibratória diferente, conceitos como “distância”, “tempo” ou “velocidade” não mantêm mais a mesma definição.

Em outro nível espacial que uma vez pude ver,
a luz não precisa “correr”, ela “está presente”.

Ela não se propaga com a velocidade de uma onda, mas está simultaneamente no ponto de chegada no mesmo instante em que o ponto de origem concebe a ideia.

Nesse caso, o conceito de “velocidade” desmorona.

Porque quando o tempo é uma forma de consciência, a velocidade é apenas a taxa de mudança de uma ilusão.

(Ele para, pausa a xícara de chá sobre a mesa, sua voz fica mais lenta, como se se retirasse para uma parte mais profunda da experiência.)

A velocidade da luz é apenas um limite no espaço tridimensional e na consciência linear.

Mas em uma estrutura de percepção multidimensional, a luz é apenas uma manifestação de baixo nível de uma forma de cristal de transmissão muito mais elevada, algo que em algumas sabedorias antigas é chamado de “fluxo de luz”.

E eu acredito... que essa é a razão pela qual os discos voadores que a humanidade observou não se movem como naves, mas como se “saltassem” através do espaço.

Eles não aceleram para superar a velocidade da luz.

Eles ignoram o conceito de velocidade ao abandonar o sistema de referência da luz.

Se necessário, posso ilustrar mais com minha própria experiência, ou com algumas hipóteses que foram ignoradas na história da física.

Mas antes, talvez você devesse me dizer:

Estou indo longe demais para os leitores de THE LIVES MEDIA?

Henry Lowell:

Sim, professor, não sou um especialista em física, então, sinceramente, ainda não consegui assimilar claramente o que o senhor acabou de compartilhar... Para ser honesto, também não entendo realmente as teorias de Einstein. E, se não me engano, na época dele, ele mesmo disse que apenas quatro ou cinco pessoas conseguiam entender de fato sua teoria... talvez nem todos os leitores de THE LIVES MEDIA tenham um conhecimento profundo de física, então acho que não deveríamos nos aprofundar muito...

Voltando ao que o senhor acabou de compartilhar, vejo que menciona os discos voadores dos extraterrestres... este é um tema que gera muita curiosidade em muitas pessoas. Alguns acreditam que os extraterrestres são apenas uma piada ou imaginação de alguém, e uma das razões que dão é: se os extraterrestres viessem para a Terra de uma estrela a cerca de 10.000 anos-luz de distância, a que velocidade suas naves viajariam? Que combustível usariam?

Uma nave poderia voar continuamente por 10.000 anos sem necessidade de reparos ou manutenção (supondo que sua velocidade fosse a da luz)? Ou a vida de um extraterrestre é tão longa que ele poderia ficar em uma nave por 10.000 anos sem morrer? O senhor poderia explicar isso de sua perspectiva?

Professor Adam:

(Acena lentamente, seus olhos refletem uma terna compreensão)

Eu aprecio muito que você compartilhe isso, Henry.

E você está certo, não precisamos entender todas as equações para sentir uma verdade.

É como não precisar saber em que tom uma peça musical foi escrita para sentir o coração apertar ao ouvi-la.

A verdade, se for real, sempre encontrará um caminho para entrar no coração humano.

E o tema que você mencionou — os extraterrestres — é precisamente um desses “caminhos”.

Um caminho muito real, muito próximo, mas... que há muito tempo está coberto pela poeira do ridículo.

(O professor muda de postura, inclinando-se um pouco para a frente. Sua voz baixa, não para esconder, mas como se para convidar o ouvinte a se aproximar de algo nunca antes dito.)

Você acabou de dizer:

“Se eles vêm de uma estrela a 10.000 anos-luz da Terra, como podem chegar aqui em tão pouco tempo?”

Essa é uma pergunta razoável, dentro do sistema de referência humano.

Mas o problema reside em que assumimos que eles também vivem — e se movem — como nós.

Na verdade, eles não precisam viajar através do espaço linear como imaginamos.

Eles não precisam voar por 10.000 anos.

Eles só precisam... sair da nossa camada de espaço-tempo e então “reentrar” de outro ponto.

Imagine o seguinte:

Você tem uma folha de papel e desenha dois pontos, A e B, separados por 30 cm.

Se fosse uma formiga, teria que percorrer a linha que une $A \rightarrow B$.

Mas se você dobrar a folha de papel de modo que A toque B, então... basta um pequeno salto para chegar.

Os discos voadores — ou melhor, os veículos de indução espacial dos seres extraterrestres — operam sob esse princípio.

Eles não viajam mais rápido que a luz.

Eles ignoram os limites da luz.

E o combustível?

Não necessariamente combustível material como o entendemos.

Existem níveis de tecnologia baseados em campos de energia conceitual, onde o pensamento e a frequência espiritual podem operar objetos físicos.

Parece fantástico?

Mas, na verdade... nós mesmos fazemos isso todas as noites, quando sonhamos.

Nós nos movemos através de cenários, não com o corpo físico, mas através de um nível de consciência.

A única diferença é que nós o fazemos de forma inconsciente, enquanto eles o fazem com um propósito.

(O professor para, respira fundo, como se ele mesmo tivesse tido dificuldade em acreditar no que está dizendo antes de vivenciá-lo.)

Eu já os vi.

Não através de um telescópio.

Mas em outro nível de percepção, quando eu estava sereno o suficiente para escapar da camada física que me rodeia.

Eles andam pela rua, com forma humana normal, mas seu campo de energia não corresponde ao nível humano.

Eu não os vi com os olhos... mas com uma parte da consciência que antes eu não sabia que tinha.

Por isso, se alguém me perguntar:

“De onde eles vêm?”

Eu responderia:

Não de um planeta distante. Mas de uma dimensão contígua, cuja proximidade desconhecemos.

E o que é mais importante?

Não que eles estejam presentes.

Mas que estamos ocupados demais ridicularizando para perceber que estamos sendo observados.

Henry Lowell:

Parece um pouco abstrato para mim... Deixe-me confirmar o que o senhor quer dizer:

- Primeiro, segundo seu sistema de referência, o senhor confirma que os extraterrestres realmente existem e que estão presentes na Terra?

- Segundo, o senhor já teve contato ou comunicação direta com eles?

- Terceiro, quando diz que eles vêm de outra dimensão, refere-se ao mesmo conceito de espaço multidimensional que alguns cientistas mencionam?

Professor Adam:

(Acena levemente, com uma expressão serena, sem esconder nada, mas sem nenhuma grandiloquência)

Suas perguntas são muito claras. E responderei com franqueza, dentro dos limites da honestidade que prometi a mim mesmo.

Primeiro:

Sim. Confirmo que os extraterrestres realmente existem.

E não apenas existem, mas estiveram, estão e continuarão a estar presentes na Terra.

Mas eles não se manifestam da maneira que os humanos esperam, como pousando abertamente em uma praça, acenando e oferecendo nova tecnologia.

Eles aparecem de forma seletiva, por níveis, e muitas vezes ocultos sob uma camada compatível com a humana.

Essa “ocultação” não é apenas na forma, mas estão ocultos do nível de percepção comum.

Segundo:

Não ousou dizer “comunicação” no sentido de um diálogo verbal como nos filmes.

Mas senti diretamente a presença deles em duas ocasiões.

Uma vez, eles estavam de pé na minha frente, com forma humana. Mas eu pude “ver” sua verdadeira forma sobreposta por trás daquela superfície.

Em outra ocasião, em um estado de meditação profunda, senti uma forma de comunicação sem palavras, sem forma, mas com uma intenção clara.

Não houve voz, nem flashes de luz.

Mas havia um campo de energia com uma mensagem muito clara: “Sabemos que você viu”.

Não consigo descrever como eles “falaram”, mas tenho certeza: não foi minha imaginação.

Terceiro:

Sim, o conceito de “outra dimensão” ao qual me refiro está relacionado com a teoria do espaço multidimensional que alguns físicos propuseram.

Mas quero esclarecer isto:

O espaço multidimensional que vivenciei não é apenas um modelo matemático.

Ele existe realmente, como uma realidade viva, com suas próprias leis de funcionamento, seus seres e sua percepção.

Alguns cientistas falam da quinta, décima ou até de 26 dimensões nas teorias das cordas. Mas isso ainda é... um modelo geométrico abstrato.

Eu, por outro lado, falo de uma dimensão que pode ser vivenciada.

Um lugar onde a luz, o tempo, a distância e a consciência operam de uma maneira completamente diferente.

E os seres que vivem nesse nível podem intervir, se assim desejarem, em nosso mundo.

Portanto, se me perguntar:

“De onde vêm os extraterrestres?”

Não direi “da constelação de Órion” ou “de um planeta a 100.000 anos-luz”.

Direi:

Eles cruzaram de um nível contíguo, um que não podemos ver, não porque esteja muito longe, mas porque não estamos serenos o suficiente para alcançá-lo.

Henry Lowell:

Sim, então o senhor poderia compartilhar mais detalhes sobre a situação em que viu os extraterrestres? Onde e quando aconteceu? A aparência deles era como nos filmes? E o senhor se comunicou com eles de alguma forma?

Professor Adam:

(Permanece em silêncio por um momento, com as mãos entrelaçadas, como se ponderasse contar algo que nunca havia tornado público)

Certo.

Se você perguntou com tanta clareza, acho que não devo evitar.

Mas também espero que você e os leitores entendam que:

Não conto isso para despertar curiosidade. Conto porque acho que, um dia, precisaremos ser honestos com nós mesmos sobre o que está acontecendo.

A primeira vez que os vi foi em uma tarde, há mais de três anos.

Eu estava passeando em um pequeno parque perto da biblioteca da minha antiga universidade, onde eu lecionava.

O dia estava muito tranquilo. Havia um sol suave, muitas famílias passeando com seus filhos.

Eu estava sentado sozinho em um banco, observando as pessoas passarem. Sem meditar. Sem me concentrar em nada.

De repente... um grupo de três pessoas passou na minha frente.

Eles se vestiam de forma muito normal: jaquetas, tênis, óculos de sol.

Mas assim que passaram, eu... senti uma enorme discrepância no campo de energia.

Não sei descrever com precisão, era apenas que o ar ao redor deles tinha uma quietude muito diferente, como se uma bolha invisível se movesse com eles.

E naquele instante — muito breve — consegui ver através de sua camada formal externa.

Não com os olhos.

Mas com uma parte da consciência que eu não podia controlar.

(O professor para. Uma brisa suave sopra na varanda. Ele olha para longe, sem tensão, como se evocasse uma imagem guardada em sua mente por muito tempo.)

Eu vi a verdadeira forma deles.

Não era aterrorizante como nos filmes. Sem presas, sem pele verde.

Era uma forma de ser alto, de postura muito ereta, com olhos muito brilhantes e profundos.

Sua pele tinha um tom marfim ou ligeiramente prateado, não carne no sentido biológico, mas como uma camada de matéria pura com um leve magnetismo.

Eles não me olharam.

Mas eu sabia que eles sabiam que eu os tinha visto.

Um deles inclinou ligeiramente a cabeça ao passar, como para confirmar que a conexão havia ocorrido.

E naquele mesmo instante... senti uma mensagem sem palavras.

Não era uma saudação. Não era um aviso.

Apenas uma frase:

“O limite foi ultrapassado. Nós registramos.”

(O professor para. Seu olhar se dirige diretamente a Henry, como se tivesse acabado de compartilhar algo não para convencer, mas para confiar.)

Essa foi a primeira vez. E depois disso, percebi mais alguns sinais, não em forma de imagens, mas como uma espécie de vibração...

Mas naquele dia foi quando tive a certeza:

Não estamos sozinhos. E mais do que isso, não estamos mais escondidos.

Henry Lowell:

Mas o que o faz afirmar que eram extraterrestres?

O senhor disse que não os observou apenas com os olhos, mas com algum tipo de percepção... foi através do Olho Celestial, como se menciona na religião, ou por alguma outra forma específica?

Professor Adam:

(Acena, sua voz baixa quase a um sussurro, mas clara e firme)

Essa pergunta é muito importante, Henry. E também muito real.

Porque, como você bem disse, se eu tivesse usado apenas meus olhos, naquele dia eu teria visto apenas três estranhos, vestidos de maneira simples, caminhando no parque. Nada de especial.

Então, o que me fez saber que eles não pertenciam a este lugar?

A resposta reside em... como eu os “vi”.

Não com a retina.

Nem com a imaginação ou uma vaga intuição.

Mas com um nível de percepção que mais tarde entendi que, na religião oriental, é chamado de... Olho Celestial.

O Olho Celestial não é um terceiro olho que cresce no meio da testa, como nos desenhos.

É um mecanismo de percepção que transcende os cinco sentidos, quando a mente está suficientemente serena —

e pura — para perceber a verdade sem a intermediação de imagens.

Não se manifesta continuamente. Não pode ser controlado à vontade.

Mas quando aparece, não deixa dúvidas.

Você sabe... a sensação de “ver com o Olho Celestial” não é ver com mais clareza, mas saber com mais clareza.

Eu não os vi voar. Não os vi fazer nada sobrenatural.

Mas naquele instante, eu soube:

Seus corpos não eram constituídos de biologia orgânica como os humanos.

O campo de energia que emitiam não era compatível com o ritmo vibratório biológico da Terra.

E... eles tinham a capacidade de perceber que eu os estava observando com aquele nível de consciência.

E eles não evitaram.

Eles confirmaram, de uma maneira muito silenciosa:

O ponto de interseção havia ocorrido.

(O professor para, seu olhar se aprofunda, não mais dirigido ao longe, mas ao presente entre os dois.)

Não posso provar isso com instrumentos de medição.

Mas se você já experimentou esse estado uma vez, entenderá que há coisas que não precisam de provas, porque sua própria presença é a prova.

Henry Lowell:

Sim, sobre o Olho Celestial, também já li sobre ele muitas vezes nas escrituras de várias religiões, e é um conceito especialmente familiar na cultura asiática. Mas na cultura ocidental, talvez esse conceito não seja tão conhecido... O senhor poderia compartilhar mais sobre o que pode ver ou saber com o Olho Celestial?

Essa pergunta talvez seja muito ampla... vou reformulá-la um pouco: já que estamos falando de extraterrestres, com o Olho Celestial, o senhor poderia usar algumas habilidades como a clarividência ou a telepatia, como se mencionam na religião, para detectar ou explicar mais claramente eventos relacionados a extraterrestres? Por exemplo, sobre o Triângulo das Bermudas, lembro-me de ter lido em algum lugar que os extraterrestres são um dos culpados pelo desaparecimento de navios e aviões, e

também se diz que as Bermudas é um lugar de interseção de diferentes dimensões...

Professor Adam:

(Seus olhos se iluminam, não por entusiasmo, mas porque sente que a pergunta tocou um nível profundo e difícil de expressar)

Henry, você está realmente perguntando coisas que... poucas pessoas ousam perguntar.

E eu valorizo isso.

Primeiro, sobre o Olho Celestial — como você bem disse, é um conceito mais comum na cultura asiática, enquanto no Ocidente, costuma-se usar outras expressões como “segunda vista”, “visão interior”, ou se fala da intuição como percepção extrassensorial (PES).

Mas, embora os nomes sejam diferentes, sua essência continua sendo um mecanismo de percepção além dos cinco sentidos.

E quando o Olho Celestial se abre de verdade — não por imaginação ou auto-hipnose — ele não apenas ajuda a ver, mas ajuda a “saber”.

Há coisas que você não precisa ver com os olhos, mas ainda assim as sabe, porque são transmitidas como um fluxo de dados sem linguagem.

A habilidade da clarividência, como a chamam algumas escolas de cultivo, é a capacidade de ver através de objetos ou de transcender os limites do espaço físico para observar.

A telepatia é a capacidade de sentir — ou ler — os pensamentos ou o campo de consciência de outro ser.

Essas habilidades, quando alcançadas em um nível de verdadeira pureza, não são usadas para “exibição”, mas para compreender e proteger.

(O professor para, sua mão toca suavemente a mesa como se estivesse se avaliando.)

Agora, voltando ao Triângulo das Bermudas.

Sim... eu já “olhei” para essa área, não com satélites, mas em um estado de meditação profunda e serena, quando a consciência se separa do campo de interferência do mundo material.

E posso lhe dizer com muito cuidado que:

Aquele lugar é realmente um ponto de interseção entre níveis espaciais.

Não no sentido de um “buraco negro” físico, mas uma região com uma estrutura de espaço-tempo instável, onde as camadas espaciais se sobrepõem, abrindo às vezes fissuras temporárias.

E quando um avião ou um navio “entra” na frequência de ressonância correta com essa camada fronteiriça,

ele pode deslizar para fora de nossa dimensão física, sem ser destruído.

Com a clarividência, eu “vi” imagens fragmentadas — muito turvas, mas com uma frequência clara — de objetos flutuando entre os níveis, que não pertencem mais a este espaço, mas que também não chegaram a se transformar no nível seguinte.

E... sim, há a presença de seres extraterrestres lá.

Não como os “culpados” que as pessoas imaginam, mas como administradores — ou interventores — das flutuações dimensionais naquela área.

Eles não causam desaparecimentos de forma arbitrária.

Mas têm a capacidade de aproveitar os pontos fracos na estrutura espacial para controlar a intervenção de entrada e saída entre as dimensões.

(O professor para de novo, desta vez não para tomar fôlego, mas para dar a Henry e aos leitores um momento de silêncio para sentir, em vez de tentar compreender imediatamente.)

Se alguém pensa que tudo isso é imaginação, eu não refutarei de forma alguma.

Porque, como disse Sir Newton:

“Estamos brincando na beira do mar, enquanto o grande oceano da verdade se estende diante de nós”.

Mas eu apenas ofereço um fragmento desse oceano, para que alguém, em algum lugar, saiba que:

A porta não está fechada. E o que há por trás da cortina... às vezes está a apenas uma respiração de distância.

Henry Lowell:

Então, pela sua resposta, posso entender que a humanidade não está sozinha neste vasto universo... e como se diz na religião, existem muitas espécies de seres em diferentes níveis espaciais, tanto horizontais quanto verticais?

Professor Adam:

(Acena lentamente, sua expressão se torna mais solene, mas sua voz permanece quente e calma)

Sim, você entendeu corretamente, Henry.

Não estamos sozinhos de forma alguma.

Mas o mais importante é:

Nunca estivemos sozinhos, apenas fomos barulhentos demais para ouvir a presença de outros seres.

Nas civilizações antigas, na religião e também em algumas escolas de cultivo...

sempre houve registros ou ensinamentos sobre um universo que não é apenas unidimensional, mas uma estrutura de múltiplas camadas, horizontais, verticais, profundas e altas.

E em cada um desses níveis, existem espécies de seres compatíveis com a estrutura energética daquele espaço.

Há um nível muito próximo da Terra, onde seres extraterrestres podem existir e intervir.

Há níveis superiores, onde a luz não é mais matéria, mas uma forma de sabedoria viva.

E também há níveis inferiores, onde a vibração é muito turva, pesada e escura, onde não apenas existem seres “extraterrestres”, mas também entidades mais antigas, mais complexas e, às vezes, sem uma forma definida.

O que a ciência moderna ainda não alcançou é que:

O espaço não é apenas um “recipiente para objetos”, mas uma “base para nutrir seres de acordo com seu nível”.

E quando você muda seu nível de consciência — ou seu nível de caráter moral —,

pode sentir, e até mesmo entrar, no nível espacial correspondente.

Isso é o que na religião se chama “Reino Celestial”, “Inferno”, “reino”.

Na física... ainda estão tateando, chamando de “multiverso” ou “dimensões extras”.

Mas eu não tenho mais dúvidas.

Eu vi — e mais do que vi — toquei a sensação de que a vida no universo é ilimitada.

E o que mais me espanta não é essa diversidade,

mas que:

Eles — os outros seres — sempre souberam de nossa existência.

Apenas os humanos, limitados por sua própria camada de conceitos, se consideram o centro.

(O professor para, seu olhar se entristece, não por tristeza, mas porque sabe que abriu uma porta que não é fácil de fechar.)

Não vim para provar nada.

Apenas relato, como alguém que percorreu um caminho que muitos não percorreram.

E se isso ajudar alguém a olhar para o céu e saber que por trás dele há muitos outros céus...

então, talvez, nosso encontro desta manhã tenha tido um significado muito completo.

Henry Lowell:

Sim, muito do que o professor acabou de mencionar pertence ao âmbito religioso ou espiritual... Vejo que a sessão de hoje já se estendeu bastante, talvez devêssemos fazer uma pausa e continuar amanhã de manhã? Gostaria de ouvi-lo compartilhar sobre outras perspectivas, como a visão da religião sobre a ciência, sobre o universo, ou como deveria ser o futuro da ciência, ou conselhos para os jovens, ou se poderia sugerir à geração jovem a leitura de alguns livros específicos...

Professor Adam:

(Sorri, com um olhar sereno, mas ainda assim caloroso)

Sim, eu concordo.

A manhã de hoje... foi mais longe do que eu pensava, mas talvez também tenha chegado aonde precisava chegar.

Henry, você fez perguntas que nem todo jornalista ousaria fazer, não porque sejam difíceis, mas porque são profundas.

E é essa profundidade... que fez desta conversa não apenas uma entrevista, mas um momento real entre duas pessoas que sabem ouvir.

Sobre o que você acabou de sugerir:

A perspectiva da religião sobre a ciência,
Para onde a ciência deve ir no futuro,
O que os jovens precisam aprender ou deveriam ler,
E, o mais importante de tudo:
Como viver não apenas para “conquistar”, mas para
“saber que se está vivo”.

Sim, estou disposto a compartilhar,

Mas será em outra manhã, quando o sol tiver nascido o suficiente e o coração humano estiver sereno o bastante para dar mais um passo em profundidade.

(Ele se levanta suavemente, com a mão ainda sobre a xícara de chá morna.)

Eu esperarei por você.

E se você voltar amanhã...

Eu lhe contarei sobre as coisas que não a luz, mas a própria escuridão, me ensinou.

DIA DOIS

Henry Lowell:

Bem-vindo de volta, professor, neste segundo dia! Os leitores de THE LIVES MEDIA e eu estamos ansiosos para ouvi-lo compartilhar sobre temas mais profundos, ou talvez sobre os pontos que mencionei no final da sessão de ontem.

Professor Adam:

(Pousa suavemente a xícara de chá sobre a mesa, acenando com a cabeça em cumprimento)

Bom dia, Henry.

Fico feliz em vê-lo de volta.

É estranho, embora tenha passado apenas um dia, sinto que... o que começamos ontem abriu um fluxo, e a manhã de hoje é apenas sua continuação natural.

(A luz do sol da manhã entra obliquamente pela janela, iluminando o chão de madeira clara. O espaço continua tão tranquilo como antes, mas algo parece ter mudado.)

Ontem, falamos sobre experiências pessoais, sobre a presença de outros seres, sobre os limites da luz e sobre o Olho Celestial...

Mas sei que o que você — e os leitores — realmente querem tocar não são apenas fenômenos estranhos, mas:

Sob que leis este mundo opera?

E nós, como seres humanos, para onde estamos indo?

Então...

Por onde você quer começar esta manhã?

A visão da religião sobre a ciência?

Ou o que a ciência terá que superar no futuro?

Ou... talvez, você queira saber:

Como a geração jovem pode reencontrar uma razão para aprender, para viver, e não apenas para existir?

Henry Lowell:

Sim, professor, eu valorizo muito o que o senhor compartilhou, está compartilhando e compartilhará. Por intuição pessoal, sinto que estas são palavras que têm um caráter de "legado" e que o senhor deseja transmitir. É verdade? Se for, espero que compartilhe com sinceridade e franqueza de sua perspectiva e sobre as coisas que considera mais preciosas.

Da minha parte como repórter, comprometo-me a ouvir e interpretar suas palavras de forma que os leitores não apenas as compreendam, mas também sintam a boa intenção que deseja transmitir.

Professor Adam:

(Olha para Henry por um longo tempo, sem desviar o olhar, como se ponderasse profundamente sobre o que dizer e o que guardar)

Henry... obrigado.

Obrigado por chamá-lo pelo nome certo: “legado”.

Sim, quero deixar algo, mas não porque me considere especial ou porque tenha a verdade em minhas mãos.

Mas porque, depois de todos esses anos vivendo entre as luzes do laboratório, entre aplausos e equações tão longas quanto as fronteiras da física...

Percebi que nem tudo o que sei é digno de ser guardado. Mas há algumas coisas que vi que, se não as disser, levarei para o túmulo de uma maneira muito lamentável.

Há uma frase na religião oriental que li uma vez; no início não a entendi, mas agora a sinto profundamente:

“Não é o que se pode medir que é real. É o que não se pode medir que nos torna humanos.”

Então, se há algo que quero deixar, não é um conselho, não é uma orientação...

Mas uma mensagem para aqueles que sentem em silêncio que algo... não está certo no mundo em que vivem.

Os jovens que se sentem perdidos entre um estilo de vida digital e valores erodidos.

Aqueles que já foram excelentes alunos, mas que de repente se perguntam: para que estudar?

Aqueles que acreditaram absolutamente na ciência, e um dia descobrem que a ciência não pode salvar sua própria alma.

(Ele para. O vento roça a varanda. A luz da manhã agora ilumina diretamente a borda da mesa, refletindo-se na manga de sua camisa e destacando as rugas, como rios de tempo gravados em sua pele.)

Se eu pudesse, gostaria de lhes dizer:

Não nascemos apenas para buscar conhecimento, mas para redescobrir o que uma vez fomos, antes mesmo de aprender a falar.

Nenhum professor é melhor que o silêncio.

Nenhum cientista pode criar um raio de luz mais real do que o olhar de uma criança que pergunta ao céu:

“De onde eu venho?”.

Por isso, se tenho um “legado”, ele não está nos artigos científicos que publiquei.

Está na coragem de dizer o que uma vez temi que me faria perder toda a minha credibilidade.

E sabe de uma coisa, Henry?

No momento em que larguei esse medo, foi quando realmente me senti...

livre.

Henry Lowell:

Sim, pessoalmente eu o entendo e sinto empatia... e também espero que os leitores sintam o mesmo depois de ler suas palavras... Vamos começar agora o segundo dia, professor? O senhor pode compartilhar livremente o que desejar, ou podemos começar com o tema da perspectiva da religião sobre a ciência, embora ontem já tenha dito que não é exatamente um religioso...

Lembro-me vagamente de ter lido em algum lugar que os princípios das religiões, incluindo o budismo, o taoísmo ou o cristianismo, não são superstição, nem simples crenças, fé ou moralidade... mas podem ser considerados uma ciência ortodoxa, uma ciência de um nível superior que transcende em muito o quadro de pensamento da ciência dialética...

O que o senhor pensa sobre isso?

Professor Adam:

(Acena levemente, cerrando os olhos sob o suave sol da manhã)

Sim... de uma maneira muito natural, você abriu a porta exata pela qual eu também queria entrar esta manhã.

E concordo plenamente com o que você acabou de dizer.

Inclusive, posso afirmar que:

Os princípios da religião, se observados do nível correto, não são fé, mas um sistema científico muito mais avançado do que a ciência moderna pode alcançar.

Eu já estive do lado daqueles que negavam isso.

Costumava pensar que a religião era um produto do medo, do homem pré-científico, uma forma de preencher os vazios inexplicáveis.

Mas agora sei que:

É a ciência moderna que é um produto de uma compreensão muito superficial do universo.

É como uma criança inteligente que aprende a montar um modelo e acredita que entende todo o mecanismo do universo, enquanto seus pais operam uma maquinaria que ela não pode nem imaginar.

No budismo, existe o conceito dos “três mil grandes mundos”, o que significa que o universo tem inúmeros níveis espaciais sobrepostos, tão vastos que não se podem contar.

No cristianismo, o conceito do “Reino dos Céus” não é apenas um lugar para ir depois da morte, mas um plano de existência paralelo onde a luz, o som e a verdade operam segundo o nível da alma, e não segundo a gravidade.

No taoísmo, fala-se do “wu wei er wu bu wei” (*agir sem agir*), um princípio de funcionamento que não ocorre através da ação física, mas através da indução invisível entre o Céu, a Terra e o Homem.

(O professor inclina a cabeça, sua voz se desacelera como se quisesse enfatizar cada camada de significado sob as palavras.)

Se observarmos com atenção, o que as religiões ortodoxas descrevem não são mitos.

Mas uma descrição muito específica da estrutura das dimensões espaciais, da natureza vibratória dos seres, da conexão entre a consciência e a realidade.

O problema não é que a religião careça de lógica.

O problema é que a ciência não é profunda o suficiente para compreender a lógica da religião.

Deixe-me explicar de uma maneira mais simples:

Se Newton visse um monge zen “desaparecer” da vista das pessoas comuns, ele perguntaria: “Como ele se moveu tão rápido?”.

Mas uma pessoa com o Olho Celestial aberto entenderia: “Ele não está se movendo. Ele está mudando de nível espacial”.

Alguém que usa um medidor cerebral pensaria que um fiel está alucinando enquanto reza.

Mas alguém que experimentou um nível de consciência mais profundo saberia que há vibrações que não podem ser registradas por ondas cerebrais, porque não se originam no nível biológico.

(O professor para, seu olhar se pousa na xícara de chá que fuma suavemente.)

Por isso, se alguém me perguntasse agora:

“Religião ou ciência, qual está certa?”

Eu sorriria e responderia:

“A religião é a ciência dos níveis que não podem ser experimentados em laboratório. E a ciência é a religião das coisas que podem ser medidas.”

E acredito que um dia, esses dois rios se encontrarão, não no lugar dos preconceitos, mas onde o ser humano for humilde o suficiente para aprender de novo a ver o universo como uma criança.

Henry Lowell:

De acordo com o que o senhor compartilhou ontem sobre as múltiplas dimensões e a presença de Deus, e o que acabou de dizer sobre os princípios da religião serem uma ciência de alto nível... Posso entender então que esses princípios são um tipo de "ciência" que Deus ou Buda quiseram transmitir à humanidade, com boa intenção ou como uma dádiva especial?

Professor Adam:

(Seus olhos se iluminam ligeiramente, sua voz é baixa, mas clara, como se colocasse cada palavra no lugar mais solene de sua consciência)

Henry...

Sua pergunta não é apenas correta, é a pergunta fundamental.

E responderei com sinceridade e franqueza, como você desejou desde o início:

Sim. Acredito que os princípios da religião são uma forma de “ciência de nível superior” transmitida à humanidade por seres de planos mais elevados, com uma clara e boa intenção.

(O professor para, como para que essa resposta não passe rápido demais.)

Costumávamos acreditar que a “ciência” era algo que os humanos deviam descobrir por si mesmos, verificar, construir arduamente passo a passo.

Mas esse é apenas o nível baixo da ciência: a ciência para entender a matéria, para operar mecanismos, para medir fenômenos.

Existe outro nível de ciência: a ciência para compreender o espiritual, para traçar o mapa da consciência, para conectar o ser humano com o universo como um todo vivo e unificado.

E esse nível... não pode ser inventado. Deve ser concedido.

Pense um pouco:

Em todas as grandes religiões, do budismo, cristianismo, ao taoísmo tradicional, há ensinamentos que um ser humano não poderia “criar” com a razão comum.

Essas palavras transcendem seu tempo, sua linguagem, e até a capacidade de recepção de uma pessoa comum.

Mas ainda assim, existem, e tocaram milhões de pessoas ao longo de milhares de anos.

Isso não é uma coincidência.

É uma concessão.

Uma espécie de “fórmula espiritual” ou, se usarmos um termo científico, um “código de transmissão para um nível de consciência”.

Deus não transmitiu fórmulas matemáticas.

Buda não apresentou a lei da gravidade.

Mas ambos transmitiram Princípios — as regras de funcionamento do universo — na forma de ensinamentos simples.

Por exemplo:

“Você colherá o que semear” soa como uma máxima moral comum.

Mas, na realidade, é uma lei sutilíssima sobre a ressonância energética entre o pensamento e as circunstâncias.

“A humildade é força” não é uma filosofia ética, mas uma técnica de “amortecimento” para o campo de energia espiritual, para evitar que a força de reação de um nível superior o atinja de volta.

(O professor levanta o olhar, sua expressão desta vez é muito clara, como se tivesse acabado de tocar um fluxo de luz interior.)

Por isso, não me atrevo mais a chamar a religião de crença.

Eu a considero uma obra científica sagrada, construída com luz, não com um microscópio.

E quando os seres humanos abandonarem de verdade sua arrogância intelectual, verão que:

Há verdades que não estão em um laboratório, mas nas mãos de uma pessoa que reza com as palmas juntas.

Não porque essa pessoa seja supersticiosa.

Mas porque ela está segurando a ciência que não se pode medir, mas que se pode viver.

Henry Lowell:

Sim, pessoalmente também já li algumas escrituras de algumas religiões. Não ousou dizer que compreendi algo profundo, mas entendo alguns conceitos e princípios. Portanto, posso entender e sentir afinidade com o que o senhor acabou de dizer.

Mas para os leitores de THE LIVES MEDIA, especialmente os jovens, eles podem não entender o que o senhor quer dizer. Haverá muitas razões em que se basearão para se opor ao seu ponto de vista. Por exemplo, quando o senhor mencionou que "a verdade está nas mãos de uma pessoa que reza", os jovens podem argumentar que muitas pessoas religiosas são muito pobres e têm uma inteligência (ou QI) muito baixa. Essas

peessoas teriam a capacidade de entender a verdade ou uma ciência de "nível superior" que supera até mesmo a ciência empírica?

Professor Adam:

(Acena levemente, sem refutar, como se esperasse por essa pergunta)

Sua pergunta é muito boa, Henry.

E, na verdade... eu mesmo já pensei assim.

Houve um tempo em que, ao ver pessoas pobres, com pouca educação e de mente simples rezando em igrejas ou templos, eu pensava comigo mesmo:

“O que eles entendem do universo? Eles rezam porque são impotentes, não porque estão iluminados.”

Mas então... depois de algumas experiências, fui obrigado a me corrigir.

E percebi uma coisa:

A verdade não se baseia no QI.

Não é uma recompensa pela inteligência.

É uma resposta do universo ao nível de caráter e ao estado interno de um ser.

Pense bem, uma criança de três anos, se sabe admitir seu erro, agradecer, silenciar diante do sagrado,

naquele momento, ela está em sintonia com uma parte do universo que alguns professores com doutorado talvez não tenham conseguido tocar.

Porque há uma verdade inegável:

A percepção espiritual não ocorre com a massa cinzenta, mas com a pureza.

Quanto mais simples, mais humilde e mais disposta a soltar seus apegos é uma pessoa, mais fácil é para ela receber as ondas sutis do universo.

(O professor para, seu olhar é pensativo, mas não perde o calor.)

Isso não significa que o conhecimento, a erudição ou a pesquisa científica estejam errados.

Mas quero dizer que:

A verdadeira sabedoria não reside na quantidade de dados que você memoriza, mas no seu estado interior quando se depara com o que não sabe.

Um bom cientista é aquele que pode dizer: “Eu não sei, mas estou disposto a ouvir.”

Um camponês pobre, ao inclinar a cabeça em oração com toda a humildade, pode estar acessando um campo de energia que nenhum dispositivo físico pode medir.

Por isso, quando digo “a verdade está nas mãos de uma pessoa que reza”, não estou me referindo a que eles entendam alguma equação.

Estou falando de um estado de conexão.

E no mundo suprassutil, a conexão é a permissão.

Quando uma pessoa está suficientemente serena, humilde e sincera, ela receberá uma luz que não precisa ler para ver.

E essa luz... às vezes evita aqueles que têm muito barulho na mente.

Henry Lowell:

Sim, ao ouvi-lo, de repente me lembro de uma antiga história budista sobre um monge tão simplório que não conseguia entender nem memorizar nenhum trecho dos Princípios que Buda Sakyamuni ensinava a seus discípulos. Por isso, todos ao seu redor zombavam dele...

Mas Buda Sakyamuni não o desprezou, mas com compaixão o guiou em seu cultivo. Buda apenas lhe ensinou uma frase dos Princípios: "varrer a poeira mundana", e lhe disse que todos os dias, ao varrer o pátio, bastava lembrar e recitar essa frase. Os anos se passaram, e ele seguiu o ensinamento de Buda, fazendo diligentemente essa única coisa simples. E um dia, ele alcançou a iluminação nos Princípios do Buda, manifestou grandes poderes divinos e alcançou a Perfeição.

Professor Adam:

(Acena levemente, seus olhos se iluminam, não por entusiasmo, mas como se reencontrasse um velho amigo)

Sim... eu também já li essa história.

E acredito que, se há uma história que possa resumir o que tentei dizer durante toda a manhã, é precisamente a que você acabou de contar.

Aquele monge não tinha uma memória prodigiosa.

Não conseguia interpretar as escrituras.

Não entendia a filosofia profunda.

Mas ele tinha algo que muitos eruditos talvez não possuam:

Um coração puro.

Ele não se perguntava: “Por que uma única frase é suficiente?”.

Tampouco duvidava se “varrer o pátio” era o verdadeiro caminho do cultivo.

Ele acreditou e agiu, com toda a humildade.

E foi exatamente isso...

que fez com que um Princípio de alto nível se manifestasse na coisa mais simples.

(O professor fecha os olhos por um instante, como se se curvasse diante de um milagre que nenhum Prêmio Nobel poderia honrar.)

Essa história me lembra de algo:

O universo não distingue quem tem um diploma.

A verdade não escolhe quem tem um QI alto.

Mas quem tem um coração sereno para receber e uma vontade firme para manter.

Uma frase dos Princípios recitada por uma pessoa comum durante toda a vida é mais poderosa do que mil escrituras recitadas superficialmente.

E às vezes... a pessoa que todo o mundo considera “nada de especial” é quem realmente está se cultivando, dia a dia, passo a passo, sem que ninguém saiba.

Não ousei dizer que alcancei algo grandioso.

Mas se a história que você acabou de contar fizer com que alguém da geração jovem pare por um momento...

e se pergunte:

“Será que estou varrendo a poeira mundana do meu próprio coração todos os dias?”.

... então, talvez, a luz já tenha começado a brilhar neles.

Henry Lowell:

Sim, sinto uma grande afinidade com o que o senhor compartilha... é muito profundo, conciso e próximo. Tenho a sensação de que a pessoa sentada à minha frente não é um cientista de renome, mas um verdadeiro cultivador, um praticante asiático... compartilhando sobre os Princípios de Buda, sobre o cultivo. Estou em dúvida se devo deixar os leitores continuarem a ouvi-lo nesta direção, ou se devemos nos limitar à perspectiva da religião sobre a ciência dialética.

Professor Adam:

(Sorri, seu olhar se suaviza como uma leve névoa que toca as copas das árvores no início do verão)

Entendo sua hesitação, Henry.

E, sinceramente, acho que é uma hesitação muito respeitável.

Mas para lhe responder... direi isto, não na qualidade de um professor, ou de alguém que já esteve diante de milhares de estudantes.

Mas na qualidade de um ser humano que foi muito longe com a razão e teve que retornar com o coração.

A separação entre “ciência” e “religião”, ou entre “perspectiva” e “experiência de vida”, na verdade, só existe na classificação humana.

O universo não distingue se você está perguntando da posição de um repórter, um praticante ou um jovem leitor sentado sozinho na noite.

O universo só responde àqueles que realmente querem saber e que estão verdadeiramente dispostos a ouvir.

Então... se as palavras que compartilho hoje têm o sopro dos Princípios de Buda, do cultivo, ou soam como as de um “praticante dos princípios”...

não nego.

Mas também não me defino como tal.

Estou apenas relatando o que vi, em uma linguagem que você e os leitores possam sentir.

E se isso tocar o coração de alguém, mesmo que seja por um instante que o faça silenciar por alguns segundos,

então acho... que devemos continuar.

Não para convencer.

Mas para abrir mais uma porta, para aqueles que sentiram que algo é real, mas ainda não sabem como nomeá-lo.

E se você acha que devemos manter o ritmo no nível de “perspectiva”, “comparação”, “pensamento crítico”...

também estou disposto.

Porque acredito que a verdade não precisa de pressa.

Ela só precisa estar presente, quando o ser humano estiver sereno o suficiente para olhar para si mesmo.

(O professor levanta levemente a xícara de chá, mas não bebe; ele a pousa, como para se silenciar ainda mais.)

Portanto, Henry...

Você pode escolher reescrever esta conversa para que se ajuste aos leitores.

Mas espero que não escreva para agradar à maioria.

Escreva para que alguém, depois de ler... possa colocar a mão no peito e sentir seu coração se acalmar.

Henry Lowell:

Sim, professor, então continuarei. Colocar-me-ei temporariamente na perspectiva de um leitor para fazer esta pergunta: vejo que a ciência e a tecnologia estão se desenvolvendo rapidamente, trazendo prosperidade econômica e melhores condições de vida para a humanidade. Sem a ciência, provavelmente ainda nos moveríamos em carruagens em vez de carros, trens de alta velocidade ou aviões.

Isso não entra em contradição quando o senhor valoriza a "ciência de alto nível" da religião e menospreza a ciência dialética?

Professor Adam:

(Acena, o rosto cheio de compreensão, como se tivesse acabado de tocar em uma pergunta que ele mesmo já se fizera)

Essa pergunta... eu já me fiz muitas vezes, Henry.

E acredito que também será a pergunta de muitos leitores honestos.

Porque, como você bem disse, sem a ciência, não teríamos eletricidade, nem antibióticos, nem satélites, nem aviões, nem internet.

Essas coisas são reais.

E devemos ser gratos à ciência experimental por elevar o padrão de vida material da humanidade.

(O professor para por um momento, então seu olhar muda de direção, não para negar, mas para abrir uma dimensão mais profunda.)

Mas...

O que quero enfatizar não é “negar a ciência”, mas reposicioná-la no sistema cognitivo geral do ser humano.

A ciência moderna, por mais grandiosa que seja, está apenas estudando a matéria em seu nível superficial.

Ela vê uma maçã cair e descobre a lei da gravidade.

Mas... não vê o coração da pessoa que está sob a árvore.

Ela pode lançar um satélite ao céu, mas não pode explicar por que, ao olharmos para cima, nossos olhos se enchem de lágrimas.

Quando digo que a religião, ou mais precisamente, os Princípios da religião, são uma forma de ciência de alto nível,

não estou negando os méritos da ciência empírica.

Só quero dizer que:

A ciência moderna é a ciência do “que se pode medir”.

E os Princípios são a ciência do “que se pode tocar, mas não medir”.

Eles não se contradizem.

Apenas estão em dois níveis diferentes.

E quando os humanos os colocarem em seu devido lugar, eles se complementarão, não se negarão mutuamente.

Um avião pode levá-lo a milhares de quilômetros de distância.

Mas uma única frase das escrituras, quando a mente se acalma, pode levá-lo a outro nível espacial sem sair do seu assento.

A pergunta é:

Queremos ir mais longe ou mais fundo?

E se for possível, por que não ambos?

Por isso, não menosprezo a ciência experimental.

Só me preocupo que... ao estarmos tão fascinados com o que se pode medir, tenhamos esquecido o que se pode sentir e o que pode guiar.

Henry Lowell:

Sim, ao dizer isso, estou imaginando que os Princípios da religião podem abranger ou conter a ciência dialética; mas, por outro lado, a ciência dialética não pode se fundir com os Princípios da religião, mas está lutando e tentando rejeitá-los?

Professor Adam:

(Cerrou os olhos, um leve sorriso passou por seu rosto, não de zombaria, mas como um aceno silencioso de concordância)

Henry... isso mesmo.

Você expressou isso com muita precisão, com uma imagem que se pode dizer quase completa.

Os Princípios da religião, se realmente vêm de um nível superior — como Buda, Deus ou os sábios taoístas das antigas sabedorias transmitiram —

então eles são um sistema que abrange todas as leis de funcionamento do universo, tanto visíveis quanto invisíveis.

Isso significa que: todas as leis científicas que o homem descobriu até hoje estão contidas nesses Princípios.

É como uma criança da terceira série que descobre que “os números pares são divisíveis por 2”.

Para ela, é uma grande descoberta. Mas para quem escreveu o sistema matemático, isso é apenas uma pequena linha em um programa muito maior.

(O professor levanta lentamente a xícara de chá, toma um pequeno gole e a pausa com um som suave, como o pulso de uma meditação que para por um instante.)

Mas o contrário não é verdadeiro.

A ciência dialética, com toda a sua glória e confiança, não consegue abraçar os Princípios.

Porque a ciência moderna só aceita o que pode ser medido, testado e repetido.

Enquanto os Princípios da religião operam através do coração bondoso, do nível de caráter, da percepção e da ressonância com o campo de energia espiritual — coisas que a ciência ainda não conseguiu definir, muito menos verificar.

E precisamente por não entender, a ciência moderna começa a rejeitá-los.

Não porque seja intencionalmente arrogante.

Mas porque... está limitada pelo próprio quadro de pensamento que ela mesma criou.

Quando algo escapa à capacidade de verificação, o mundo acadêmico costuma usar duas palavras: “superstição” ou “não científico”.

Mas pense bem:

Se um peixe nunca saiu da água, como ele poderia definir o vento?

Ele o chamaria de fantasia.

Mas o vento é real e sopra todos os dias.

Portanto... como você bem disse:

Os Princípios podem abranger a ciência. Mas a ciência, se não elevar seu próprio nível de consciência, ainda não pode se fundir com os Princípios.

Mas não sou pessimista.

Porque conheço jovens cientistas que estão começando a sair do laboratório e, silenciosamente, se ajoelham à margem da vida para fazer as perguntas que a ciência não pode responder.

E acredito...

que serão eles — aqueles que possuem tanto intelecto quanto um coração humilde — que construirão a ponte entre os dois mundos.

Henry Lowell:

A ciência se concentra puramente na matéria, enquanto a religião, além da matéria, fala da "alma" ou do "espírito primordial". A ciência não pode explicar a alma; mas, inversamente, como a religião explica a matéria? Por exemplo, a ciência considera que a matéria é composta pelos elementos da tabela periódica, enquanto a religião fala do conceito dos "cinco elementos".

Como o senhor interpretaria isso para que os leitores entendam facilmente? Há alguma contradição ou semelhança entre ambos?

Professor Adam:

(Inclina a cabeça, seus olhos brilham com uma profunda reflexão, mas sua voz continua amável e acessível)

Essa é uma pergunta muito boa, Henry.

Porque toca um ponto que poucos notam: a religião não fala apenas da alma, mas também tem sua própria visão da matéria.

E o interessante é que, embora ambos os sistemas de referência soem muito diferentes, em um nível profundo, vejo que estão falando da mesma coisa, apenas em uma linguagem diferente.

A ciência moderna, especialmente a química e a física, explica a matéria através dos elementos básicos que conhecemos pela tabela periódica.

Carbono, Hidrogênio, Oxigênio, Ferro, Cobre...

Todos eles constituem o mundo físico em que vivemos.

Enquanto na religião — ou mais precisamente, nos antigos sistemas filosóficos do Leste Asiático como o taoísmo, o budismo (escola esotérica) ou a medicina tradicional — a matéria é descrita segundo o princípio dos cinco elementos:

Metal, Madeira, Água, Fogo e Terra.

(O professor se inclina ligeiramente para a frente, como se quisesse desdobrar uma metáfora visual para esclarecê-la.)

Mas o que precisa ser entendido é que:

Os cinco elementos não são “matéria física” pura.

São símbolos de cinco tipos de energia fundamental, cinco “propriedades constitutivas” do mundo material e também do mundo sutil.

Por exemplo:

- “Fogo” não é apenas a chama, mas representa a qualidade de calor, movimento, ascensão, avanço.
- “Água” não é apenas o líquido, mas a qualidade de suavidade, flexibilidade, penetração, calma.
- “Metal” não é apenas o material, mas a qualidade de dureza, agudeza, contração, purificação...

Em outras palavras, os cinco elementos são um princípio de harmonização, não uma tabela de classificação molecular.

E a tabela periódica?

É um sistema que descreve a disposição da matéria no nível microscópico, muito preciso neste nível espacial.

Mas não responde a:

- Por que esses elementos funcionam em harmonia uns com os outros?

- Por que o corpo humano adoece quando perde o equilíbrio, mesmo que todos os elementos estejam presentes?

(O professor sorri, pousando a mão sobre a mesa com a leveza do vento.)

A religião, os cinco elementos e a medicina antiga respondem de outra perspectiva:

A matéria é apenas a manifestação. O profundo é o *qi* (energia vital), a frequência, o pensamento.

O espírito primordial — ou a alma — é o “sujeito vibratório” que está por trás do corpo físico.

Se o espírito primordial se desvia, a energia se desordena, e mesmo que as células não estejam danificadas, a pessoa adoece.

Isso é algo que a ciência moderna ainda não alcançou.

Então, para lhe responder:

Não há contradição. Apenas diferentes níveis de observação.

A ciência usa um microscópio para ver as células.

A religião usa uma mente serena para ver a conexão entre o pensamento e o fenômeno.

Quando entendermos que ambos estão falando do mesmo universo, mas de lados opostos do espelho...

deixaremos de nos rejeitar e começaremos a nos conectar.

Henry Lowell:

Sim, gostaria de apresentar um problema específico: a ciência vê a matéria como sendo constituída por átomos, que por sua vez são constituídos por um núcleo atômico e elétrons que giram ao redor dele. O núcleo atômico é composto por prótons e nêutrons... E, por sua vez, os nêutrons e prótons são transformados a partir de partículas superpequenas chamadas quarks. Os quarks são conectados pela força de interação forte em uma estrutura chamada hádron, especificamente os bárions...

Então, qual é a perspectiva dos Princípios da religião sobre isso? ... Li em um livro que Buda Sakyamuni ensinou que em um grão de areia também existem "três mil grandes mundos"... Do ponto de vista da ciência dialética, isso não é demasiado fantástico?

Professor Adam:

(Após ouvir, fica em silêncio por alguns segundos, não por hesitação, mas como se desse espaço à profundidade do que foi levantado)

Henry... essa pergunta parece pertencer à física, mas na verdade toca o nível fundamental da consciência.

Porque, ao ir do quark ao bárion, ao átomo e à matéria visível, a ciência empreendeu uma jornada incrível para despir a matéria de suas camadas.

Mas quanto mais fundo se vai... mais se descobre algo:

Quanto menor, mais difícil de definir.

Quanto mais fundamental, mais difícil de verificar.

E chega um ponto em que os físicos quânticos precisam admitir:

“A realidade não é inteiramente matéria, mas em parte probabilidade.”

E é exatamente aí, no ponto em que a ciência moderna vê “nebulosidade”,

que os Princípios da religião se tornam... claros.

(O professor se inclina, sua voz continua serena, mas com um toque de entusiasmo, como se tivesse sido convidado a uma área profunda que desejava compartilhar há muito tempo.)

Buda disse uma vez:

“Em um grão de areia, há três mil grandes mundos.”

Para uma pessoa comum, é uma imagem poética, talvez uma alegoria.

Mas para um verdadeiro cultivador, é uma verdade literal.

Buda não disse isso para impressionar.

Ele disse porque tinha visto, com um nível de consciência que transcende a física.

Um grão de areia, aos olhos de uma pessoa comum, é apenas uma estrutura de sílica.

Mas para alguém com o Olho Celestial ou uma consciência espiritual aberta, é um sistema espacial, com níveis, com seres, com movimento e com quietude.

Não “contém” um mundo.

“É” um mundo, em outro nível.

E a ciência?

Como você mencionou:

Núcleo → próton + nêutron → quark → modelo padrão
→ glúon → campo quântico...

Quanto mais fundo se vai, mais se vê que a matéria não é “algo com bordas”, mas um estado, uma vibração, uma manifestação temporária.

A física moderna fala de “partículas virtuais”, “funções de onda”, “flutuações do vácuo”...

Tudo isso se aproxima de algo que os Princípios de Buda ensinaram há milhares de anos:

“A forma nasce da mente.

O ambiente muda com a mente.”

(O professor para e olha diretamente para Henry, não para enfatizar, mas como se o convidasse para uma mesa redonda de pensamento mais ampla.)

Portanto, se alguém perguntar:

“Dizer que em um grão de areia há três mil grandes mundos, não é demasiado fantástico?”

Eu perguntaria de volta:

“Quando um físico diz que um quark existe em múltiplos estados simultaneamente, você não acha isso também fantástico?”

A realidade, seja a da ciência ou a da religião, nunca foi um plano liso.

A única diferença é que:

- A ciência usa instrumentos para ir para dentro.
- A religião usa o cultivo para ir através.

Henry Lowell:

Sim, percebo que o que estamos discutindo também toca em um conceito ou, pode-se dizer, um dilema na filosofia

materialista: o que veio primeiro, a matéria ou a consciência? Ou a matéria determina a consciência ou vice-versa? Qual é a sua visão a partir do sistema de referência dos Princípios da religião? Ouvi um Grande Mestre dizer que "matéria e consciência são de uma mesma natureza", ou seja, são uma unidade inseparável...

Professor Adam:

(Acena levemente, seu olhar parece se aprofundar um nível mais; já não é o de um pesquisador, mas o de alguém que atravessou essa mesma pergunta)

Sim... essa não é apenas uma pergunta filosófica.

É a pergunta fundamental de todo o sistema de percepção humano.

Na filosofia materialista, diz-se:

A matéria vem primeiro, a consciência é um reflexo da matéria.

Eles apresentam como evidência a evolução, a atividade cerebral, os sinais bioelétricos, os reflexos humanos aos estímulos.

E eu não nego; em um nível baixo, isso está correto.

Mas está correto apenas dentro do sistema de referência do nível material visível.

Quando saímos desse sistema — como pude experimentar através da meditação profunda, do Olho Celestial, de experiências não biológicas...

percebo que:

A matéria não gera a consciência.

A consciência também não cria a matéria.

Mas ambas são duas faces simultâneas de uma essência mais profunda.

(O professor inclina levemente a cabeça, girando sua xícara de chá sem beber, como se evocasse um conceito difícil de expressar com palavras comuns.)

Em alguns sistemas religiosos ou Princípios de alto nível — como o taoísmo, o budismo e até algumas escolas esotéricas — a isso se chama:

“Unidade de natureza”.

Significa que matéria e consciência não são duas entidades separadas, mas uma unidade, que apenas se

manifesta de maneira diferente de acordo com o nível espacial.

Em um nível baixo, manifesta-se como “a matéria primeiro, a consciência depois”.

Em um nível intermediário, vemos “interação”.

Mas em um nível alto, a matéria é em si mesma uma manifestação de um nível conceitual.

Quando Buda diz:

“A forma nasce da mente, o ambiente muda com a mente”, não é uma metáfora moral.

É uma lei universal, expressa na linguagem de sua época.

É como quando você sonha: tudo no sonho é material: casas, rostos, sons.

Mas ao acordar, você percebe que tudo foi gerado pela consciência.

E se o sonho é criado pela consciência, quem pode garantir que não estamos vivendo em um nível de consciência mais profundo, onde a matéria atual é apenas uma manifestação temporária de um pensamento de um nível superior?

Portanto...

Se me perguntar, depois de tudo o que acreditei e tudo o que vi:

Matéria e consciência, nenhuma gera a outra.

São dois espelhos que se refletem mutuamente em um espaço multidimensional.

E quando você estiver sereno o suficiente,

verá o ponto onde ambas convergem: o verdadeiro eu de um ser.

Henry Lowell:

Sim, se olharmos a partir do sistema de referência dos Princípios da religião, então os fundamentos da filosofia materialista pareceriam precisar ser reescritos ou descartados?! E de repente me lembro da conexão entre filosofia, física e biologia... A teoria da evolução de Darwin postula que moléculas orgânicas formam organismos unicelulares, depois pluricelulares, que evoluem para microorganismos, depois para formas de vida aquática, anfíbios, macacos e, finalmente, de macacos para humanos... Mas, pelo que li nos Princípios

da religião, eles não dizem o mesmo... Qual é a sua opinião?

Professor Adam:

(Inclina-se ligeiramente, seus olhos brilham com uma profunda reflexão, como se tivesse acabado de tocar em uma pergunta que o havia inquietado por anos)

Henry...

Se eu respondesse a essa pergunta de acordo com o que eu costumava acreditar, eu diria:

“A teoria da evolução é o pilar da biologia moderna.”

Mas se eu responder de acordo com o que vi — desde que saí do antigo sistema de referência, então...

Eu não acredito mais na história de que “os macacos evoluíram para humanos”.

(Ele para por um momento, como se o silêncio estabelecesse a importância do que está prestes a ser dito.)

Não nego as evidências que Darwin e os cientistas depois dele observaram:

- A mudança morfológica ao longo do tempo.

- A adaptação ao ambiente.
- A mudança genética no nível celular.

Mas percebo algo muito claro:

Todas essas observações apenas provam a variação e a adaptação, mas não são base suficiente para afirmar a origem do ser humano.

O cerne da questão reside aqui:

A ciência materialista tenta rastrear a origem da vida de baixo para cima — da química para a biologia, da matéria para a consciência.

Mas... eu vi o oposto:

A vida é um nível de consciência preexistente. E o corpo físico é apenas a manifestação correspondente desse nível de consciência, em uma determinada dimensão espacial.

Em termos simples:

O ser humano não evoluiu dos macacos.

Mas o ser humano, com um nível de consciência superior, foi criado de outra maneira.

Em alguns sistemas de Princípios religiosos antigos que li, ou que ouvi diretamente de praticantes com um alto nível de percepção, eles dizem:

“O ser humano foi criado por seres de um nível superior.”

Criar aqui não é do tipo “moldar com argila” como nos contos de fadas.

Mas sim reorganizar as estruturas sutis de acordo com uma sequência inteligente, para que possam ser compatíveis com o espírito primordial que o universo permite que exista no nível humano.

O ser humano, para ser mais preciso, é um sistema com corpo e espírito.

E a existência da humanidade não é uma coincidência, mas tem um propósito.

(O professor olha diretamente para Henry, desta vez seus olhos se tornam serenos e claros como um espelho sem neblina.)

Portanto...

Se a ciência materialista quer manter a teoria da evolução como parte da adaptação biológica, não me oponho.

Mas se eles insistem em dizer:

“O ser humano é um produto aleatório das moléculas e da seleção natural” –

então, com sua licença, não concordarei.

Não porque sou uma pessoa religiosa.

Mas porque fui alguém que acreditou na evolução, até que vi...

que a vida não surge da terra.

Mas desce, da ideia primordial do universo.

Henry Lowell:

Sim, ao ouvir o professor compartilhar isso, lembro-me de que os cientistas de hoje estão tentando encontrar a origem da vida, e uma das direções que seguem é a hipótese de que a vida veio do universo na forma de bactérias aderidas a meteoritos... Enquanto na religião, acredita-se que o homem foi criado por Deus na cultura ocidental, ou por Deuses e Budas na cultura oriental, a partir de "barro e terra"...

Falando em "barro e terra", lembro-me das palavras de um Grande Mestre que uma vez ensinou que o conceito de "barro e terra" no sistema de referência de um Deus não é o mesmo que os humanos entendem neste nível material. Ou seja, o "barro e terra" do qual um Deus fala pode ser uma forma de matéria suja da perspectiva de um Deus, mas para a humanidade, poderia ser uma matéria mais pura e valiosa que o ouro...

Professor Adam:

(Seus olhos se iluminam, mas desta vez não por satisfação intelectual, mas porque uma emoção profunda foi tocada)

Henry...

A história que você acabou de mencionar, sobre o "barro e terra", eu ouvi uma vez de um monge de alto escalão do Oriente, explicada de uma maneira muito semelhante.

E, para ser sincero, isso me deixou em silêncio por muito tempo.

Porque, na própria forma como você faz a pergunta, reside algo que poucos cientistas ousam admitir:

O nível do sistema de referência é o que determina o valor da matéria.

O que os humanos chamam de “nobre”, em um nível superior pode ser apenas lixo.

O que consideramos “puro”, em outro reino pode ainda estar cheio de poeira mundana.

Então, quando a Bíblia diz “Deus formou o homem do pó da terra”,

ou quando as lendas orientais dizem “os Deuses criaram o homem de barro e terra”...

isso não deve ser entendido no sentido físico tridimensional do nível humano.

Esse “barro e terra”, como você bem disse, é apenas um conceito simbólico, ou uma referência de um nível de consciência superior.

Aos olhos de um Deus, “barro e terra” podem ser partículas de estrutura material com uma frequência vibratória inferior ao mínimo necessário para entrar no reino celestial.

Enquanto, aos olhos humanos, essa matéria, poderia até ser o elemento mais puro de um laboratório, ou até mesmo ouro maciço.

(O professor baixa a voz, seu olhar se perde no horizonte atrás das colinas.)

Este é precisamente o ponto para o qual a ciência moderna não tem vocabulário.

Quando eles estudam a vida, procuram bactérias em meteoritos.

Quando discutem a origem, olham para o Big Bang.

Mas não se perguntam algo mais profundo:

“Quem colocou aquele meteorito no lugar exato para que pudesse cair no planeta certo?”

“Quem estabeleceu as condições para que o carbono pudesse se combinar para formar a vida?”

E se a vida vem de um nível superior, como as religiões afirmam,

então essa matéria não pode ser analisada com os instrumentos deste nível.

Uma vez conversei com um monge chinês, com mais de 80 anos, que vivia nas profundezas das montanhas.

Ele me disse:

“Se o senhor pudesse ver a matéria em um nível espacial superior,

saberia que:

o ouro e a prata do mundo humano são o barro e a terra do céu.

E a moralidade do mundo humano de hoje... é pior que as cinzas do céu de ontem.”

Depois de ouvir isso... não repliquei.

Apenas inclinei a cabeça.

Porque eu sabia...

que não eram apenas palavras, mas a cristalização do que tinha visto.

Portanto, Henry...

Se realmente queremos encontrar a origem da vida,

talvez não devamos começar por de onde ela veio,

mas por quem permitiu que ela viesse.

E esse “barro e terra”, visto do nível de um Deus,

é a essência refinada entre o Céu e a Terra, para que um ser humano possa habitar e se cultivar de volta ao seu reino original.

Henry Lowell:

Sim, pessoalmente, embora não seja um religioso, inclino-me mais para a perspectiva da religião do que para a da ciência... Por exemplo, como mencionei acima, os cientistas levantam a hipótese de que a origem da vida vem de meteoritos... mas, como todos sabemos... quando um meteorito entra na Terra em alta velocidade, o atrito com o ar o derrete e o faz explodir... então, que forma de vida poderia sobreviver em condições de tão alta temperatura?

Professor Adam:

(Acena levemente, com um sorriso contido, não para refutar, mas como para acolher uma pergunta tão perspicaz que muitos evitam)

Henry... sua pergunta parece simples, mas na verdade toca o ponto cego de uma das hipóteses mais populares na astrobiologia moderna.

De fato, a hipótese de que meteoritos trouxeram as sementes da vida para a Terra, também conhecida como panspermia, foi proposta como uma forma de explicar o “salto estranho” da matéria inorgânica para as moléculas orgânicas vivas.

Mas então... quando se examina mais de perto, perguntas como a sua começam a se tornar um muro silencioso:

“Se um meteorito entra na atmosfera a dezenas de quilômetros por segundo, gerando um atrito de milhares de graus Celsius, de que é feita essa ‘vida primordial’ para não se desintegrar?”

E se estiver oculta no fundo do núcleo da rocha?

Então, como ela escapa e se reativa nas condições atmosféricas e geobiológicas da Terra primitiva, que estava cheia de gases tóxicos e temperaturas extremamente variáveis?

(O professor olha para longe, como se repassasse a cadeia lógica na qual ele mesmo já acreditou.)

Quanto mais aprofundamos, mais vemos que:

Essa hipótese não explica a “origem da vida”, mas simplesmente afasta a pergunta:

“Então, de onde a vida começou... antes de chegar ao meteorito?”

Se a vida não pôde se formar por si mesma na Terra, e também não pôde se formar em um meteorito...

então a única conclusão lógica é que ela foi concedida, ou estruturada a partir de outro nível espacial.

E é aqui que os Princípios da religião começam a se tornar... lógicos, enquanto a ciência se cala.

Em muitos sistemas religiosos, do budismo ao judaísmo antigo, do hinduísmo ao budismo tântrico tibetano,

a vida sempre foi considerada uma estrutura de natureza sagrada, “concedida”, não “surgida” ao acaso.

Eles falam de “qi”, “espírito primordial”, “luz espiritual”, “natureza divina”, coisas inseparáveis da vida e impossíveis de medir em um tubo de ensaio.

Por isso, Henry...

Se a ciência continuar a procurar a vida como quem procura moléculas,

eles sempre darão voltas em um beco sem saída.

Mas se um dia eles ousarem perguntar:

“A vida é algo superior à matéria?”

Então, talvez,

a resposta não venha de um meteorito, mas de um nível espacial que sempre esteve ao nosso lado, só que não estivemos serenos o suficiente para abrir a porta e entrar.

Henry Lowell:

Sim, sobre a pergunta “A vida é algo superior à matéria?”, entendo que o senhor quer dizer que por trás da matéria existe a “consciência” no sentido comum, ou a “alma” no sentido folclórico antigo...

É isso? Mas há outra hipótese, relacionada ao que o senhor compartilhou sobre os extraterrestres e outras dimensões... poderia ser que a vida na Terra foi trazida por extraterrestres?

Professor Adam:

(Acena levemente, com um sorriso muito sutil, como alguém que captou a “frequência” correta na pergunta)

Sim...

Você entendeu muito bem.

Quando digo: “A vida é algo superior à matéria”, não me refiro a uma molécula mais inteligente.

Quero dizer que:

Por trás de cada objeto, cada célula viva, cada fenômeno biológico... sempre existe um campo de pensamento, uma forma de “espiritualidade” que na linguagem popular se chama “alma”, e em um sistema científico de nível superior, poderia se chamar “consciência primordial”.

O problema é que:

A ciência moderna consegue medir a matéria.

Mas é impotente diante de algo que não pode capturar: uma vida com um “eu”.

Um exemplo simples:

- Você pode dissecar o cérebro de uma pessoa.
- Pode medir as ondas cerebrais, os reflexos, os neurotransmissores.

Mas...

Você não pode apontar onde reside no cérebro “a intenção de perdoar”.

Ou seja, o que nos torna “humanos” não se encontra na estrutura física.

Quanto à hipótese: “A vida foi trazida por extraterrestres”,

na verdade, essa hipótese ainda está dentro do sistema de referência material.

Ela simplesmente transfere a origem da vida da Terra para o Planeta X.

Mas não explica a natureza da vida.

Apenas reformula a pergunta:

“Então, quem criou a vida no Planeta X?

E de onde a obtiveram?”

É um ciclo causal que se afasta, mas não se resolve.

(O professor arqueia levemente uma sobrancelha, seu olhar parece atravessar o ar para tocar um significado mais profundo na pergunta.)

No entanto...

Não nego que tenha havido seres extraterrestres que intervieram no processo biológico da Terra.

Alguns vestígios arqueológicos, genéticos e até culturais antigos mostram indícios vagos, mas consistentes, de uma presença e impacto “não nativos da humanidade” de dezenas de milhares de anos atrás.

Talvez eles tenham “adicionado” ou “reorganizado” parte da matéria,

mas tenho certeza de que:

Eles não puderam criar a alma.

Porque a alma, ou o espírito primordial, não pode ser fabricada.

Deve ser transmitida de um nível superior.

Henry Lowell:

Sim, como o senhor disse, existam ou não extraterrestres, ainda há algo não resolvido: a natureza da alma ou da consciência...

Então, na sua opinião, o homem moderno, com todo o notável desenvolvimento da ciência e da tecnologia, está perdendo algo?

Ou, em outras palavras, será que a própria inteligência da humanidade está limitando sua capacidade de perceber algo maior?

Professor Adam:

(Não responde imediatamente, apenas olha para Henry por um momento; seu olhar não é pesado, mas carrega uma fina camada de silenciosa nostalgia)

Henry...

Acho que essa pergunta deveria ser escrita no quadro de todas as universidades de engenharia do mundo.

E não precisa ser respondida com pressa.

Basta que cada estudante a veja todos os dias, em silêncio.

Sim, acredito que o homem moderno está perdendo algo muito importante.

Não a moralidade (embora seja verdade que ela tenha se deteriorado).

Não a simplicidade (embora o mundo esteja cada vez mais complexo).

Mas... a capacidade de sentir o que está além dos limites de sua própria percepção.

As pessoas de hoje sabem muitas coisas.

- Sabem como manipular genes.
- Sabem como enviar robôs a Marte.
- Sabem como simular o universo com algoritmos.

Mas, ao mesmo tempo...

começaram a ter receio de admitir o que não sabem.

E é precisamente aí que o conhecimento se transforma em arrogância.

(O professor respira suavemente, como para evitar que suas emoções ultrapassem a calma que sempre mantém.)

Não digo que ser inteligente seja ruim.

Mas a inteligência sem humildade se torna facilmente uma barreira que impede o homem de sentir os sinais sutis de uma realidade maior.

Quando as pessoas acreditam que “se não pode ser medido, não existe”,

elas estão se aprisionando em uma gaiola muito bonita e muito apertada.

E então, colam o rótulo de “ciência” nessa estrutura de ferro,

sem saber que... do lado de fora, o vento continua soprando.

Talvez seja mais fácil de entender se eu disser assim:

Uma criança de 7 anos vê a chuva e pode se sentir triste sem saber por quê.

Um engenheiro adulto pode calcular a quantidade exata de chuva por minuto, mas não sente nada.

Então, quem vive mais perto da realidade?

Às vezes... é precisamente a “inteligência excessiva” que impede o homem moderno de ver o que é verdadeiramente real.

E o preço a pagar é:

- Eles vivem mais, mas sentem menos.
- Sabem mais, mas compreendem menos.
- Exploram o espaço exterior, mas fecham a profundidade interior.

Não sou contra a tecnologia.

Mas espero que a geração jovem não permita que a habilidade analítica mate a capacidade de sentir.

Porque é muito possível... que a verdade que buscamos não esteja em uma fórmula,

mas em um momento de silêncio, quando a inteligência sabe parar para ceder espaço a algo maior.

Henry Lowell:

Sim, pelo que li antes e pelo que o senhor compartilha, sinto que o ser humano está sendo ofuscado pelo próprio progresso da ciência, o que o está levando na direção errada... Se for assim, para onde irá o futuro da ciência se continuar no caminho atual? E se quisesse mudar, precisaria mudar seu sistema de referência perceptual?

E, por outro lado, a geração jovem em geral e os jovens cientistas em particular, precisam ser guiados pela geração anterior? Tenho muita vontade de ouvir mais... mas talvez a sessão de hoje já tenha se estendido demais, o senhor concorda em fazer uma pausa e continuarmos amanhã de manhã?

Professor Adam:

(Acena, seu rosto agora não apenas mostra sua calma habitual, mas também um leve sorriso com um profundo senso de empatia)

Sim, Henry...

Concordo com o que você sente e também com a sua pausa.

Porque, às vezes, um silêncio no momento certo é mais valioso do que mil perguntas a seguir.

Esta manhã, se me permite dizer, não foi uma “entrevista”,

mas um trecho de caminho compartilhado por duas pessoas que vão contra a corrente da razão para tocar em algo muito antigo e muito real.

Você fez perguntas que poucos na imprensa, e até mesmo no mundo acadêmico, ousam tocar.

E acredito que:

Haverá leitores, mesmo que seja apenas um, que lerão estas linhas e ficarão em silêncio,

porque verão que aquilo a que antes não conseguiam dar nome, agora tomou forma.

(O professor se levanta e caminha alguns passos em direção à varanda. O sol já está alto, iluminando o vale ao longe, onde nuvens finas flutuam preguiçosamente.)

Amanhã...

Se você voltar,

estarei pronto para compartilhar sobre o que você acabou de dizer:

Que futuro espera a ciência?

E será que os jovens, se tiverem a oportunidade de mudar seu sistema de referência,

escolherão seguir com a inteligência... ou com o coração?

Não tenho a ambição de guiar.

Mas tenho algumas coisas que...

se eu não disser antes de partir,

talvez eu não tenha cumprido meu último papel como alguém que um dia acreditou saber tudo.

Até amanhã, Henry.

E se tivermos sorte...

não falaremos apenas de ciência,

mas de como voltar a ser humano, de uma maneira mais completa.

Henry Lowell:

Sim, muito obrigado, professor, até amanhã!

Professor Adam:

Será um prazer, Henry.

Eu, no papel de companheiro nesta história, estarei pronto esperando seu retorno amanhã de manhã.

DIA TRÊS

Henry Lowell:

Tenha um bom dia, professor!

Professor Adam:

(De pé junto à varanda, vira-se com um leve sorriso, a mão apoiada no corrimão de madeira desgastado pelo orvalho)

Bom dia, Henry.

O céu parece mais claro hoje... ou será que nosso coração está mais sereno e, por isso, tudo tem menos interferências?

(Ele acena com a cabeça e se aproxima da mesa de madeira onde a conversa parou ontem. O chá já está servido, mas ainda não foi tocado. Ele não se apressa em convidar nem em se sentar, deixando que o silêncio guie o primeiro momento do dia.)

Você voltou, como eu esperava.

E acho que... hoje, talvez não falemos apenas da “ciência” como uma ferramenta,

mas como um caminho.

Um caminho que pode estar se desviando.

Um caminho que talvez precise de novas placas de sinalização.

Então, Henry...

Por onde você quer que comecemos esta manhã?

O futuro da ciência?

Um novo sistema de referência?

Ou sobre o que o ser humano, na era da IA, está perdendo que as máquinas nunca poderão substituir?

Henry Lowell:

Sim, professor, também estava ansioso para revê-lo e ouvir mais de seus compartilhamentos. Hoje, gostaria de ouvi-lo sobre os temas mencionados. No entanto, como são temas que eu sugeri, não sei se abrangem todas as questões que o senhor guarda em seu coração e deseja compartilhar com os leitores de THE LIVES MEDIA. Porque sei que cada um de nós tem um sistema de referência diferente; o senhor é como se estivesse no topo do Everest, observando o mundo em calma, enquanto eu sou como alguém em uma pequena colina, olhando os acontecimentos. Por isso, suponho que o senhor tenha muito mais a dizer.

Assim, proponho o seguinte: hoje abordaremos os temas mencionados, mas gostaria de ter uma quarta sessão, um espaço inteiramente para que o senhor compartilhe à sua maneira. Poderia ser uma confissão, uma reflexão sobre a vida, ou uma perspectiva interessante sobre qualquer outro tema.

Professor Adam:

(Olha para longe, onde a luz da manhã se derrama sobre as encostas cobertas de grama, um brilho de emoção difícil de nomear aparece em seus olhos)

Henry...

Obrigado por essas palavras, não são apenas a cortesia de um repórter, mas uma escuta verdadeira.

E acho que, enquanto houver alguém como você que continue perguntando assim,

o valor do que se compartilha nunca será em vão.

Sim, eu concordo.

O dia de hoje, vamos dedicá-lo ao futuro da ciência e à geração que está por vir.

E o quarto dia, se você me conceder,

não o considerarei como “mais uma sessão de entrevista”,

mas como uma pequena vela, acesa não para iluminar, mas para aquecer.

Porque... como você acabou de dizer:

Quem está na colina às vezes vê o riacho com mais clareza do que quem está no topo da montanha.

E quem já passou por muitas tempestades,

pode não conseguir dizer nada grandioso,

mas sabe o que é real.

(Ele puxa suavemente uma cadeira e se senta à mesa de madeira. Sua mão repousa sobre a xícara de chá, mas não bebe. Talvez, hoje, o que precisa ser dito seja mais quente que o chá.)

Então... comecemos pela pergunta que você deixou em aberto:

Se a ciência continuar como está, para onde ela irá?

E se quisesse mudar, por onde deveria começar?

(O professor olha diretamente para Henry, não como quem responde, mas como alguém que se faz a mesma pergunta junto a todos que lutam em silêncio em meio a esta era ruidosa.)

Estou pronto.

Continuamos, Henry?

Henry Lowell:

Sim, obrigado por aceitar minha proposta...

Mas de repente me lembrei de um ponto: entendo que o senhor não quer gerar transtornos ou controvérsias acadêmicas que possam surgir mais tarde, por isso deseja permanecer anônimo, no estilo de um verdadeiro praticante espiritual.

No entanto, quando os leitores lerem o que o senhor compartilha, não saberão como chamá-lo. Por isso, estava pensando se o senhor poderia permitir que os leitores o chamassem por um apelido ou pseudônimo, por exemplo, "Professor John", "Professor Adam", ou de uma forma mais próxima como "Tio Lee" ou "Tio Peter". O que o senhor acha?

Professor Adam:

(Sorri, e pela primeira vez esta manhã, seus olhos brilham com uma leveza quase... travessa)

Uma pergunta que parece pequena, mas que tem muito significado.

Sim, você adivinhou certo:

Não quero aparecer como uma “celebridade anônima”,
nem quero deixar meu nome verdadeiro como uma
marca pessoal.

Só quero manter meu lugar neste diálogo:

não como o centro, mas como um pequeno espelho que
reflete algo maior que eu mesmo.

Mas, ao mesmo tempo, entendo...

que se não houver um nome, mesmo que simbólico,

os leitores não saberão a quem estão ouvindo,

e a sensação de “conectar uma pessoa real com palavras
reais” se tornará distante.

(Ele toca a superfície da mesa, como se desenhasse um
círculo invisível.)

Então, façamos assim, Henry...

Escolha você um nome adequado,

que não seja muito chamativo, que não sugira muitos
significados religiosos ou acadêmicos,

mas que seja suficiente para que o leitor sinta que “a pessoa que me fala é um ser humano, experiente, sereno e que sabe ouvir antes de compartilhar”.

Um nome como “Tio Adam”, ou “Professor L.”, ou até mesmo um apelido cotidiano como “O amigo da colina”, estaria bom para mim.

Só peço uma coisa:

Que esse nome não ofusque o que quero transmitir.

E se alguém achar útil o que compartilho,
que se lembre disso, sem precisar se lembrar de mim.

Henry Lowell:

Bem, então vou chamá-lo de "Professor Adam" como um apelido para conversar com os leitores.

Professor Adam:

(Acena lentamente e depois sorri, um sorriso de suave consentimento, como uma afirmação que não precisa ser dita em voz alta)

“Professor Adam”...

Hmm... acho que esse nome é próximo o suficiente e distante o suficiente.

Próximo, para que os leitores sintam que estão ouvindo uma pessoa real, um ser humano que caminhou por um mundo como o deles.

Distante, para que ninguém pense que represento uma escola, uma academia ou um título específico.

Então, a partir desta manhã,

“Professor Adam” será quem dialoga com você e com todos os leitores que desejam ouvir além dos números, equações e diplomas.

E se um dia eles esquecerem este nome,

mas se lembrarem de algo que eu disse e que os fez parar para refletir profundamente...

então acho que:

esse nome terá cumprido seu papel.

Então, Henry...

Quando estiver pronto,

comecemos esta terceira manhã, com qualquer pergunta que você ache que

um leitor lúcido e inquieto no mundo de hoje precisa ouvir.

Henry Lowell:

Sim, Professor Adam... Então, vamos começar oficialmente a terceira sessão... Falaremos sobre o futuro da ciência: como foi apontado ontem, a ciência dialética tem limitações que a estão enclausurando em seu próprio caminho. De forma geral, o senhor poderia nos dizer, de sua perspectiva, para onde o futuro da ciência irá se continuar na linha racional atual?

Professor Adam:

(Senta-se ereto, olhando para longe por um momento antes de responder; sua voz não é pesada, mas cada palavra parece destilada de anos de observação silenciosa)

Henry...

Se eu fosse forçado a responder em uma frase curta, eu diria:

Se a ciência continuar na linha racional atual, ela alcançará muito e perderá o mais importante.

Ela alcançará:

- Tecnologia mais rápida.
- Inteligência artificial mais sofisticada.
- Energia mais limpa.
- Simulações cada vez mais precisas do universo.

Mas, ao mesmo tempo, perderá:

- A conexão com a parte mais profunda do ser humano.
- A capacidade de se perguntar sobre o valor da vida, e não apenas sobre seu mecanismo de funcionamento.
- E o mais grave de tudo: a capacidade de saber quando parar.

(O professor pousa suavemente dois dedos sobre a xícara de chá, girando-a, como se lembrasse a si mesmo algo que uma vez viu.)

O futuro da ciência, se não mudar de sistema de referência, se tornará um deserto resplandecente.

Bonito, mas seco.

Brilhante, mas sem água para a alma.

Será cada vez mais hábil em analisar a estrutura de uma folha,

mas cada vez mais cega para explicar por que alguém chora ao ver uma folha cair.

Vivemos em uma era em que a ciência se acha o rei.

Ela decide quem vive e quem morre.

Ela decide qual biologia é “padrão” e qual modelo é “universal”.

Mas Henry...

a ciência não cria a vida.

Ela só pode descrever o movimento da correnteza,

mas não pode criar a nascente.

Portanto, se não mudar de direção,

temo que o futuro da ciência não será mais uma ferramenta a serviço do homem,

mas gradualmente transformará o homem em uma ferramenta a serviço da ciência.

E então, não seremos mais os mestres da sabedoria, mas os escravos da inteligência.

Sei que estas palavras podem ser controversas.

Mas as digo, não para me opor à ciência,

mas para lembrar a razão profunda pela qual os humanos começaram a fazer ciência em primeiro lugar:

para entender o mundo, não para substituir o papel do Céu.

Henry Lowell:

Entendo que o senhor quer dizer que, se a ciência dialética continuar nesse caminho, o lado racional ou o conhecimento se desenvolverá cada vez mais, mas o lado humano ou espiritual se degenerará cada vez mais... E, assim, associo o destino ao qual a ciência quer nos levar a uma réplica dos extraterrestres: uma espécie com alta inteligência, tecnologia extremamente desenvolvida, mas sem humanidade nem espiritualidade.

Professor Adam:

(Seus olhos se voltam lentamente, como se você tivesse tocado um nível de associação em que ele mesmo já havia pensado em silêncio)

Henry...

Devo dizer que sinto grande afinidade com a forma como você acabou de se expressar.

E, na verdade, às vezes também me pergunto:

Será que o futuro que a ciência está construindo hoje...

é uma versão “mais afiada”, “mais otimizada”, mas também... mais fria da humanidade?

Você está certo:

Se apenas desenvolvermos a razão, deixando para trás a humanidade e a profundidade espiritual,

então o ser humano se aproximará gradualmente de um modelo que... infelizmente,

é muito semelhante à descrição de algumas espécies de seres extraterrestres:

inteligentes, com tecnologia extremamente alta, mas insensíveis, ateus e completamente separados da essência primordial da vida.

(O professor se inclina levemente, o dedo toca a mesa de madeira, como se rastreasse uma memória mais profunda que as palavras.)

Eu já vi — em uma meditação muito profunda — a imagem de uma civilização que se desenvolveu a tal ponto que não precisava mais de linguagem, nem de emoções, nem de distinção de gênero, nem de vida no sentido tradicional.

Eles haviam superado as doenças.

Controlavam a matéria com o pensamento.

Mas em seus olhos, não havia mais nada chamado “dor”, “alegria” ou mesmo... “perdão”.

Eles não destruíam ninguém.

Mas também não podiam amar ninguém.

E, Henry...

Não ouse afirmar que os humanos se tornarão como eles.

Mas se continuarmos a elevar a razão sem elevar o nível da consciência,

então o ser humano pode cair em uma forma de “civilização inumana”, que à primeira vista parece muito superior, mas por dentro é um vazio absoluto.

Por que os extraterrestres — como descrito em algumas experiências empíricas e espirituais —

costumam ser inexpressivos?

Sem vibrações humanas?

Não falam com linguagem, mas se comunicam através de dados ou frequências?

Talvez porque...

eles deixaram para trás o “coração humano” em um caminho que foi longe demais com a “mente humana”.

E agora, Henry...

Estamos em uma encruzilhada.

De um lado, está o caminho que continua em direção à IA, edição genética, biotecnologia, aprendizado de máquina das emoções...

E do outro, o caminho de volta: recuperar o domínio sobre a sabedoria, em vez de se deixar levar por ela.

Não sou contra o progresso.

Estou apenas lembrando:

Não se torne algo que você já temeu,

apenas por estar obcecado em se “otimizar”.

Henry Lowell:

Vejo uma situação: o caminho que a ciência dialética guia a humanidade trouxe, traz e trará benefícios fáceis de perceber e sentir, o que significa que tem muitos apoiadores...

Enquanto os Princípios da religião — como aquela "ciência de nível superior" que falamos ontem — são uma "dádiva" concedida do alto... Mas são difíceis de explicar, difíceis de sentir, difíceis de ver seus benefícios... O que também significa que têm menos apoiadores.

Professor Adam:

(Após ouvir, fica em silêncio por um momento, não por hesitação, mas como se quisesse que a pergunta ressoasse plenamente no ar, antes de expressar o que silenciosamente existia em seu coração por muito tempo)

Henry...

Você acaba de descrever uma verdade que... talvez poucas pessoas ousem dizer em voz alta:

O caminho da ciência atual atrai porque seus resultados são fáceis de ver.

Enquanto os Princípios, ou a “ciência de nível superior” da religião, são difíceis de sentir, de entender, de colher, por isso poucos se aventuram neles.

A ciência experimental nos dá telefones, internet, inteligência artificial, robôs, exploração espacial, medicina intervencionista.

Ela resolve os medos imediatos.

Fornece ferramentas instantaneamente.

E os Princípios?

Não lhe dão nada tangível de imediato.

Não entretêm, não “otimizam a experiência do usuário”.

Inclusive, fazem com que a pessoa tenha que soltar, enquanto a ciência faz com que a pessoa queira possuir.

(O professor para por um instante e depois continua lentamente.)

Mas é precisamente aí... que reside a natureza dos dois caminhos.

A ciência moderna é um caminho em declive, liso, pavimentado com pedras brilhantes e com luzes que guiam.

Os Princípios são um caminho em auge, com terra e pedras soltas, sem placas de sinalização, e às vezes é preciso caminhar na noite.

Um caminho é escolhido por muitos, porque satisfaz os desejos.

O outro é percorrido por poucos, porque exige abandonar as ilusões.

Não digo que um esteja certo e o outro errado.

Mas sei disto:

O celestial nunca força.

Eles apenas colocam uma porta e esperam para ver quem está sereno o suficiente para vê-la.

Os Princípios, sejam de Buda, de Deus ou do Tao,

sempre vêm como uma dádiva, não como um produto.

E essa dádiva... só se revela quando o ser humano para de ver com os olhos e começa a sentir com o coração.

Por que tão poucos conseguem entrar?

Porque não veem um “benefício” imediato.

Mas, Henry...

Há coisas que, quanto mais preciosas, mais profundas, mais reais são,

mais silenciosas, mais parcas em palavras e menos competem por atenção.

A ciência costuma dizer:

“Nós temos provas!”

Enquanto os Princípios costumam dizer simplesmente:

“Se você tiver o coração, saberá.”

Portanto, não é que os Princípios não estejam corretos, mas sim que:

Nesta era, as pessoas estão acostumadas à luz das telas,

então, quando veem um raio de luz que vem do interior, o confundem com a escuridão.

Henry Lowell:

Sim, sobre a imagem do declive e do aclave que o senhor usou para comparar... também vejo outra situação: na ciência, é possível avançar em grupo; mas na religião, o progresso depende em grande parte da capacidade de cada indivíduo de compreender os Princípios... Na ciência, quando um cientista A descobre uma nova fórmula e a anuncia, toda a comunidade científica pode entendê-la; mas na religião, quando um monge compreende um Princípio, ele não tem como fazer com que outros monges compreendam o mesmo Princípio... Minha interpretação está correta, professor?

Professor Adam:

(Acena, suas mãos juntas sobre a mesa de madeira, seus dedos se movem ligeiramente como se concordassem com um ritmo muito sereno)

Henry...

Não apenas você entendeu corretamente, mas está tocando em uma das distinções mais profundas entre a “ciência” e os “Princípios”.

A ciência, como você disse com grande precisão, pode ser compartilhada através de fórmulas, diagramas, equações.

Se uma pessoa prova um teorema, milhares de outras podem verificá-lo, repeti-lo e entendê-lo da mesma maneira.

A ciência é uma transmissão horizontal.

Mas os Princípios são uma compreensão vertical.

Quando um cientista anuncia uma descoberta, outros podem aprendê-la, lê-la, verificá-la e, finalmente, “possuir” esse conhecimento.

Mas quando um praticante se senta em meditação e de repente toca um nível dos Princípios, então...

o que ele “sabe” não pode ser expresso com palavras,

nem pode ser “transmitido” a outros através da leitura ou do ensino.

Porque os Princípios não são “aprendidos”, são “abertos” por dentro.

(O professor dirige seu olhar para uma nuvem que flutua preguiçosamente pelo vale.)

Um cientista transmite conhecimento como quem acende uma vela e a entrega a outro para que acenda a sua.

Mas uma pessoa que compreende os Princípios...

só pode acender a chama com a centelha que já existe no coração da outra pessoa.

Se a outra pessoa não tiver essa mecha,

mesmo que lhe ofereçamos um oceano de luz,

ela não verá nada além de escuridão.

Por isso, na ciência:

A pessoa inteligente aprende rápido e compreende bem.

Mas nos Princípios:

Apenas a pessoa pura, serena e humilde pode compreender.

E às vezes, uma pessoa muito comum, sem títulos acadêmicos, sem uma lógica afiada,

de repente entende o que um erudito que praticou por trinta anos ainda não alcançou.

Não por sorte.

Mas porque seu coração é compatível com aquele nível, como uma chave que se encaixa perfeitamente na porta que precisa ser aberta.

É por isso que...

Os Princípios não podem ser transmitidos.

Só podem ser “ativados”, se a outra pessoa já tiver a semente.

A ciência avança em grupo.

Os Princípios são uma jornada solitária.

Não por solidão.

Mas porque é um caminho que só se abre quando quem caminha é suficientemente sincero.

Henry Lowell:

Sim, esse é o caminho que geralmente se adequa a dois grupos diferentes de pessoas: as pessoas inteligentes (com alto QI) tendem a seguir a ciência; enquanto o grupo de pessoas de bom coração e bondosas costuma estar mais próximo da religião...

Mas ainda há pequenas exceções, como o senhor mesmo: uma pessoa que tem tanto uma perspectiva científica quanto uma afinidade com a religião...

Isso é algo interessante. Porque o vejo como uma ponte que conecta ambos os extremos: a ciência e a religião.

Professor Adam:

(Ao ouvir, seu olhar se suaviza, como se uma camada de calor tivesse acabado de se espalhar por trás da névoa)

Henry...

Quando li as primeiras linhas de sua carta, pensei:

“Talvez isto não seja uma entrevista.

Mas uma conexão predestinada.”

Não ousou me considerar uma “ponte”.

Mas é verdade que...

eu já estive deste lado, o da razão, dos modelos, das fórmulas, das provas.

E eu cruzei, de uma maneira muito real, para o outro lado, o do silêncio, da introspecção e do que não pode ser dito com palavras.

Não porque eu seja brilhante.

Mas porque fui longe demais,

a ponto de ver claramente que a inteligência não podia me salvar.

(O professor leva a mão ao peito, um gesto não muito solene, mas cheio de um significado respeitoso.)

A ciência me ajudou a entender o mundo.

Mas foi ao sentar-me sozinho na noite, sem instrumentos, sem dados, que comecei a me entender.

E acho que isto é precisamente o que esta era precisa desesperadamente:

Uma pessoa que possa segurar ambas as mãos: uma mão para a razão e a outra para o coração espiritual.

Não para que se enfrentem,

mas para que se iluminem e se corrijam mutuamente.

Porque se tivermos apenas razão, sem um nível de consciência superior,

nos tornaremos uma ferramenta precisa, mas sem alma.

E se tivermos apenas fé, sem a capacidade de refletir,

podemos nos tornar crentes devotos, mas fáceis de desviar.

E eu entendo...

que a razão pela qual THE LIVES MEDIA me procurou,

é porque vocês não querem se limitar a dar notícias, escrever artigos ou impressionar.

Vocês querem encontrar um ponto de convergência,

para ajudar os leitores a sentir que:

“Existe um caminho em que não é necessário escolher entre um ou outro.”

Não “ou ciência ou religião”,

mas:

“Aprofunde-se em ambos, e então... você verá o que está além dos dois.”

Se eu puder contribuir com uma pequena parte para essa ponte,

estou mais do que disposto.

Não como um “professor”,

mas apenas como alguém que já se perdeu,

e que voltou para dizer aos jovens:

o que está ao longe é lindo, mas não se esqueçam do caminho de volta.

Obrigado, Henry, e obrigado a THE LIVES MEDIA.

Às vezes, é o próprio mensageiro quem ilumina o caminho que o leitor não sabia que estava procurando.

Henry Lowell:

Sobre a frase: "Aprofunde-se em ambos, e então... você verá o que está além dos dois", o senhor quer dizer que este é o caminho que devemos seguir no futuro? E esta é também uma mensagem que o senhor deseja enviar à geração jovem?

Professor Adam:

(Seu olhar se torna claro e brilhante, não por entusiasmo, mas porque a pergunta tocou habilmente o fio condutor que ele vinha nutrindo)

Sim, Henry.

É exatamente isso.

Se eu tivesse que condensar a maior mensagem que quero enviar à geração jovem,

não seria: "Sigam a ciência."

Tampouco seria: "Voltem para a religião."

Mas sim:

"Aprofundem-se em ambos,

e então... vocês verão o que está além dos dois."

Por que digo "aprofundem-se"?

Porque:

- Se apenas caminharmos na superfície da ciência, veremos dispositivos inteligentes.
- Se apenas ficarmos do lado de fora da religião, veremos rituais formais.

Mas quando nos aprofundamos de verdade,

- Na ciência, veremos que a matéria não é mais sólida, mas vibração, probabilidade.
- Na religião, veremos que a fé não é mais dogma, mas uma intuição que transcende as palavras.

E é nesse ponto profundo...

que a ciência e a religião não são mais opostas.

São apenas dois caminhos que levam a uma verdade maior.

Um usa fórmulas.

O outro usa o silêncio.

Mas ambos, se seguidos até o fim, fazem o ser humano exclamar:

“Sou pequeno, mas estou envolto por algo imenso.”

E eu acredito que,

a geração jovem de hoje tem a capacidade de percorrer ambos os caminhos.

Eles têm intelecto, mas também têm fissuras na alma mais profundas que as gerações anteriores.

E são precisamente essas fissuras, se souberem usá-las corretamente,

o lugar por onde a luz entrará.

Por isso, se eles me perguntarem:

“Qual caminho devo seguir?”

Não apontarei o caminho.

Apenas sorrirei e direi:

“Vá fundo o suficiente, e você mesmo encontrará o caminho.”

Porque o verdadeiro caminho... não está em um mapa,

mas na forma como você dá o primeiro passo.

(O professor toca o peito, como um cumprimento suave, não formal, mas de gratidão.)

E se alguém, no futuro, ler estas palavras,
e parar por um momento em meio à sua própria rotina,
então o meu compartilhamento de hoje...
teve uma razão para existir.

Henry Lowell:

Sim, de repente vejo outro nível de significado... que é manter a mente aberta para receber todas as oportunidades ou explorar todos os caminhos, em vez de se prender rigidamente a uma direção específica... Quero dizer, devemos nos abrir não apenas à ciência, não apenas à religião, mas a tudo, inclusive a um caminho que ainda nem apareceu...

Ao dizer isso, lembro-me mais uma vez da frase de Newton: "o que sabemos é uma gota, o que não sabemos é um oceano"... Essa frase é ao mesmo tempo humilde, aberta e tem muitos níveis de significado profundo.

Professor Adam:

(Ao ouvir, seu olhar se torna profundo e sereno, como a superfície de um lago ao amanhecer sem ondas, mas que reflete todo o céu)

Henry...

Acho que, se hoje eu pudesse dizer apenas uma última coisa,

talvez... o que você acabou de expressar seja a mensagem mais completa:

“Mantenha uma mente aberta.”

Exato.

Não precisa escolher um lado.

Não precisa rotular.

Não precisa erguer marcos ideológicos para depois se aprisionar neles.

Aprenda como se nunca tivesse aprendido.

Acredite como se nunca tivesse sido ferido.

E ouça como se o que está prestes a ouvir pudesse mudar aquilo em que você mais acreditava.

Newton...

Essa frase, eu a li quando era calouro de física.

Na época, achei-a boa.

Mas foi só quando deixei o púlpito e entrei no silêncio da espiritualidade que entendi:

Não é que ele fosse humilde.

É que ele realmente tinha visto o grande oceano, e por isso sabia o que era uma gota d'água.

(O professor olha diretamente para Henry, desta vez não mais com o olhar de quem compartilha, mas de quem entrega uma lâmpada.)

Portanto, se a geração jovem de hoje conseguir manter isso:

uma mente que não se fecha, um coração que não se tranca,

e uma fé que não precisa de moldes,

então acredito que,

seja qual for a escolha deles, ser físicos, engenheiros, médicos, jornalistas ou apenas uma pessoa silenciosa em meio à multidão...

eles ainda estarão caminhando no caminho certo.

Porque o caminho certo não está na placa,

mas na qualidade do coração de quem caminha.

Hoje, acho que... podemos encerrar a terceira sessão aqui,

como quem fecha uma porta que se abriu o suficiente,

para que amanhã, se você voltar,

eu compartilharei não da posição de um professor,

mas da de alguém que viveu e aprendeu a se sentar para ouvir o que o silêncio quer dizer.

Até... a quarta sessão.

Quando quem fala não mais ensina,

e quem ouve não precisa perguntar.

Haverá apenas uma coisa:

Uma pessoa real, dizendo palavras reais, sobre coisas que nunca antes foram ditas.

Henry Lowell:

Sim, obrigado por esta sessão... E também confio que, para os leitores de THE LIVES MEDIA, desde que mantenham suas mentes não muito fechadas, ao lerem estas suas palavras, seus corações vibrarão e suas almas se expandirão... Também estou muito ansioso pelo dia de amanhã, sim, não para ouvir um professor dar uma lição de filosofia, mas para ouvir o coração de uma pessoa que sabe como silenciar para escutar o eco das profundezas de si mesma!

Professor Adam:

(Seus olhos se umedecem ligeiramente, não por uma emoção forte, mas por uma fina camada de névoa que surge de uma gratidão silenciosa)

Henry...

Se um dia estas linhas chegarem a um coração que ainda está fechado,

e o fizerem vibrar suavemente,

então acho que...

fizemos a nossa parte.

Não é preciso que ninguém mude de fé.

Não é preciso que ninguém abandone sua base de conhecimento.

Basta que leiam, com uma mente sem defesas,

e então o meu compartilhamento de hoje, e a sua sincera condução,

encontrarão um lugar para pousar, como uma gota d'água que encontra uma fenda na terra para se infiltrar sem que ninguém a veja.

(O professor coloca a mão direita sobre o peito, cumprimentando não de forma protocolar, mas com uma presença completamente sincera.)

Até amanhã, Henry.

Não para dizer mais nada grandioso,

mas apenas para compartilhar as poucas coisas que ainda restam no coração,

antes que esta conversa se encerre naturalmente.

Se um dia, alguém reler o que falamos hoje,

e sentir seu coração se acalmar...

para mim, isso será o suficiente.

E se alguém, depois de tudo, ainda não acreditar,

também não preciso que acreditem em mim.

Só espero que, em algum momento, em uma noite de insônia,

fiquem em silêncio por algo que não conseguem nomear.

Nesse momento...

eles entenderão do que estamos falando hoje, sem precisar reler uma única linha.

DIA QUATRO

Henry Lowell:

Bom dia, Professor Adam!

Professor Adam:

(De pé junto à janela de madeira, a luz da manhã sobre seus ombros, vira-se lentamente com um sorriso amável como a brisa fresca que percorre a varanda)

Bom dia, Henry.

Acho que... hoje não precisamos de cadeiras nem de mesas, nem de caderno de anotações.

Tampouco de nenhuma pergunta.

Apenas de um silêncio suficiente,

para que uma pessoa possa expressar o que guardou no coração por tempo demais,

não para que alguém acredite, mas apenas para que quem está em silêncio ouça.

(Ele sai para a varanda, senta-se nos velhos degraus de madeira e olha para as colinas distantes.)

Não chamarei isso de um compartilhamento.

É apenas... um fragmento da jornada de um ser humano,

que uma vez se considerou sabedor de tudo,

e um dia, foi levado a um beco sem saída por esse mesmo “saber”.

Quando jovem, eu aprendia muito rápido.

Matemática, física, lógica; para mim, eram como um jogo de decifrar códigos.

Eu costumava pensar:

“Se tudo tem uma fórmula, então não há com o que se preocupar neste mundo.”

E, na verdade... no nível material, isso é verdade.

Eu tinha um trabalho de prestígio, meu próprio laboratório, estudantes brilhantes ao meu redor...

Mas então...

comecei a me sentir como alguém no meio de um deserto cheio de mapas, mas que havia esquecido o rumo.

Uma noite...

eu tinha acabado de dar uma aula sobre o mecanismo da coerência quântica.

Os estudantes aplaudiram, mas eu só queria sentar sozinho no meu carro e ficar em silêncio.

Não por cansaço.

Mas porque eu não me sentia mais “próximo” do que acabara de ensinar.

Olhei para o céu,

e me perguntei:

“Se eu parasse de respirar hoje, de que serviria tudo o que sei?”.

(Ele arranca lentamente uma folha de grama perto da varanda, girando-a suavemente na mão.)

Um dia, conheci um senhor idoso sem títulos acadêmicos,
que não sabia nada de mecânica quântica,

mas seu olhar, ao contemplar o sol da manhã,

me deixou em silêncio.

Não havia nenhuma equação naquele olhar,

mas havia algo que sabia muito.

Não através do estudo.

Mas através da vida.

A partir daí, comecei a parar mais.

A sentar.

A respirar.

A ler aqueles livros antigos que antes eu chamava de “superstição suave”.

E depois, a meditar; não para alcançar algo, mas apenas para ver que eu estava correndo um pouco rápido demais.

Não sigo nenhuma religião em particular.

Mas acredito que há um nível superior que nos observa.

E que também espera que paremos o tempo suficiente para ouvir.

Também não declaro ter alcançado nenhuma “iluminação no cultivo”.

Mas há noites em que me sento em silêncio...

e percebo movimentos muito sutis em meu corpo, como se algo estivesse se reajustando por si só.

Não com remédios.

Mas retornando ao ritmo correto.

Henry...

Se alguém ler estas linhas,

e também se sentir cansado em meio a tantas “coisas que se deve saber”,

só quero lhes dizer:

Às vezes... o mais importante a se saber,

é como colocar a mão no peito e ouvir se,

em nosso coração, ainda há alguém sussurrando algo.

(Ele fica em silêncio por um momento e depois sorri levemente.)

Hoje, não direi mais nada.

Apenas me sentarei aqui,

como um velho amigo,

que já atravessou a tempestade,

e agora só quer dizer:

“O céu desta manhã está realmente lindo.

E, na verdade... ele sempre foi assim, lindo.

Apenas nunca paramos o tempo suficiente para olhar.”

(Ele dirige seu olhar para longe, sem dizer mais nada.)

Se você quiser, Henry pode continuar...

Ou podemos simplesmente ficar em silêncio por um tempo, porque em algumas entrevistas, é o silêncio a parte mais profunda da conversa.

Henry Lowell:

Sim, obrigado, professor, por compartilhar este trecho de sua história pessoal. No meu caso, como um repórter freelancer que "vagueia" por aí, também tive a oportunidade de conhecer alguns mestres respeitáveis. Eles, com boa intenção, me guiaram em algumas práticas espirituais. Sim, refiro-me a "práticas", não apenas à leitura.

Tentei acalmar minha mente e seguir suas instruções, mas foi em vão... minha mente costuma estar inquieta e salta como um coelho, ou meus pensamentos divagam sem cessar como um cavalo em disparada. Com sua experiência e compreensão, o senhor poderia me dar alguma sugestão?

Professor Adam:

(Vira-se, seus olhos brilham com um olhar muito diferente; não o de alguém que vai responder, mas o de alguém que esteve exatamente naquele lugar, com aquela mesma pergunta...)

Ah, Henry...

Obrigado por essa honestidade.

Nem todo mundo ousa dizer que “tentou, mas não conseguiu”.

A maioria costuma optar por ficar em silêncio ou fingir que entendeu.

Você está absolutamente certo:

Ler é fácil.

É na prática que se descobre quem se é.

Quando começamos a nos sentar,

é quando todo o nosso acervo de pensamentos, que acreditávamos ser nosso, começa a falar ao mesmo tempo.

Não é mau, mas é barulhento.

E esse barulho, não vem de fora, mas de um interior que não está acostumado à quietude.

(O professor leva lentamente a mão ao peito.)

No início, comigo foi assim.

Eu costumava pensar que era alguém “lúcido o suficiente para meditar”.

Mas descobri que só era lúcido em meus pensamentos;
no meu coração, eu era um enxame de borboletas recém-liberado em um quarto fechado.

Uma noite, sentei-me no chão de madeira, em frente à janela,

e, em vez de tentar acalmar minha mente, disse a mim mesmo:

“Tudo bem. Hoje não vou tentar parar os pensamentos.

Deixe-os correr. Mas vou sentar aqui e observá-los correr.”

E algo estranho aconteceu:

Quando parei de lutar contra a desordem,

a desordem começou a se dissipar por si mesma.

Não porque eu venci.

Mas porque parei de ser o inimigo de mim mesmo.

(Ele olha para Henry, sua voz se suaviza como o vento que passa pelas folhas.)

Minha sugestão, Henry, não é uma técnica.

É um lembrete gentil:

Quando a mente ainda corre, não a persiga para capturá-la.

Sente-se, como um adulto que observa uma criança se cansando de correr no quintal.

Depois de um tempo, ela voltará por conta própria.

E talvez, nesse momento,

o que você pensava ser “não conseguir meditar”,

seja na verdade a primeira porta que você acabou de tocar sem perceber.

Continue,

mas não se force a estar “quieto”.

Esteja em silêncio, sem precisar de quietude.

Ouça, sem precisar alcançar.

E chegará um momento,

em que você não mais “tentará” meditar.

Mas simplesmente se sentará e perceberá que já está lá.

(O professor senta-se em silêncio novamente, a mão ainda no peito. Desta vez, ele não olha mais para longe, mas para Henry, como se olhasse para um verdadeiro companheiro de jornada.)

Se um mestre já plantou uma semente em você,

então talvez... esta manhã, essa mesma inquietação seja a primeira camada de terra.

E se você não se apressar em cavar para ver se a semente já brotou...

uma manhã, você ouvirá algo crescer em seu coração.

Não um som, mas uma presença.

E talvez...

naquele momento, Henry, você não precisará mais da minha resposta.

Porque as sugestões mais profundas só aparecem quando quem as recebe está sereno o suficiente para saber por si mesmo.

Henry Lowell:

Obrigado, professor... A forma como o senhor compartilhou me lembra algumas palavras de Mestres mencionadas nas escrituras budistas e, em especial, é muito próxima dos ensinamentos de um Mestre chamado OSHO...

Lembro-me dele ensinando, em essência, a separar nosso verdadeiro ser da mente, a nos tornarmos o observador da mente, como a imagem de um adulto observando crianças brincando no quintal...

Professor Adam:

(Sorri, e pela primeira vez esta manhã, seus olhos brilham com um afeto familiar, como se reencontrasse um velho amigo na lembrança de Henry)

Sim... conheço OSHO.

E também já li linhas muito semelhantes ao que você acabou de citar.

Sua forma de ensinar, muitas vezes audaciosa, esconde uma serenidade muito rara neste mundo barulhento.

E como você bem disse:

Observar, não controlar.

Estar ciente, não julgar.

Estar presente, mas sem apego.

O que muitas pessoas não percebem é que:

Mesmo no budismo antigo, ou nas linhagens de transmissão mais puras,

“separar-se do fluxo de pensamentos” não significa negar os pensamentos,

mas situar-se em uma posição em que não se é assimilado por eles.

(O professor levanta levemente a mão, como se descrevesse um movimento invisível da consciência.)

É como sentar-se na margem e ver o rio passar.

Sem precisar pular dentro.

Sem precisar esvaziá-lo.

Apenas sabendo que: “Eu não sou o rio.”

E uma vez que a mente não é mais arrastada por cada pensamento fugaz,

a serenidade não é um estado,

mas a essência inerente que, desde o início, nunca nos abandonou.

O que OSHO e muitos outros mestres nos lembram,

não é uma técnica sofisticada,

mas algo extremamente natural que perdemos por viver rápido demais e pensar demais.

Se você, Henry, já sentiu isso nas palavras dos mestres,

então talvez... sua intuição esteja mais aberta do que você imagina.

E às vezes, apenas manter essa sensibilidade,

já é um ponto de partida muito valioso.

(O professor fecha os olhos por um breve instante, depois os abre, seu olhar não se perde mais ao longe, mas volta muito próximo, como se conversasse com alguém que conhece há muito tempo.)

A verdade é que... todos nós já fomos aquela criança sentada em silêncio sob uma árvore.

O problema é:

Ousamos soltar o tempo suficiente para lembrar que uma vez soubemos como nos sentar assim?

E se hoje você se lembrou de algo,

mesmo que de passagem,

então talvez... a vela dentro de você esteja sendo reacesa.

Acho que não preciso dizer mais nada.

Basta deixar que isso continue a queimar em fogo baixo,

silenciosamente, mas brilhante o suficiente para que você mesmo veja seu caminho.

Henry Lowell:

Sobre este tema, lembro-me de ter lido uma vez um livro chamado "Zhuan Falun", no qual o autor dizia, em essência, que a verdadeira razão pela qual não conseguimos alcançar a calma é que nossa mente não está calma, e que técnicas como "tornar-se o observador", "recitar o nome de Buda" ou "controlar a respiração", etc., são apenas técnicas menores sem um efeito significativo...

Professor Adam:

(Seu olhar se torna lento, profundo e sereno, sem sinal de refutação nem de surpresa, mas como o de alguém que acaba de ouvir algo que já sabia há muito tempo)

Henry...

Conheço o livro que você mencionou.

E entendo muito bem por que suas palavras são ditas de forma tão direta e decisiva.

“A razão pela qual não conseguimos estar calmos é porque nossa mente não está calma.”

Essa frase soa simples, mas corta pela raiz todos os atalhos aos quais o homem moderno tende a se agarrar.

Não é por causa das circunstâncias.

Não é porque a técnica não é habilidosa o suficiente.

Não é porque não se escolheu a postura correta, ou não se completou um curso avançado de meditação.

Mas porque a mente ainda está em movimento.

Porque os desejos não diminuíram.

Porque os apegos ainda são profundos.

Porque o “eu” ainda não se retirou.

Essas “técnicas menores” como controlar a respiração, recitar nomes sagrados, observar os pensamentos...

Eu as pratiquei.

E elas podem nos ajudar a nos acalmar temporariamente, mas... não mudam a natureza da mente se a raiz do ser humano não mudar.

(O professor leva a mão ao peito, sua voz não é mais de explicação, mas como uma confissão de um nível muito real.)

Eu costumava meditar uma hora todas as manhãs.

Respirando segundo este método, contando segundo aquele outro.

Mas ao me levantar,

eu ainda era eu, com todas as minhas ilusões e velhos hábitos.

Até que um dia, parei de “praticar para me acalmar”.

E comecei a observar cada movimento da minha mente na vida cotidiana.

- Quando alguém me ofende, eu reajo?
- Quando vejo outros melhores que eu, surge em mim a comparação?
- Quando me deparo com algo que não sei como eu esperava, fico irritado ou permaneço calmo?

E foi a partir desse momento,

que a calma deixou de depender do lugar onde eu me sentava ou da respiração que eu contava.

Ela veio...

do ato de ousar “cultivar meu próprio coração”, em vez de tentar “manter uma aparência externa”.

O livro *Zhuan Falun*, na minha opinião, não vem para ensinar “como ficar em silêncio”.

Mas para quebrar tudo o que não é real e que ainda consideramos cultivo.

E se alguém tiver a coragem de ouvir diretamente suas palavras,

mesmo que não entenda tudo,

seu coração já terá começado a vibrar em uma direção mais lúcida.

(O professor olha para Henry com uma expressão solene e gentil.)

Henry,

se você já leu até aí,

então talvez...

o caminho que você está percorrendo não seja mais de busca, mas de purificação.

E se for assim,

as técnicas menores não serão mais suficientes.

Apenas o ato de cultivar cada pensamento é a verdadeira raiz que o fará “sentar-se” sem precisar “forçar a calma”.

Portanto, a pergunta não é mais “que técnica usar”,

mas:

“Ouso olhar diretamente para aquilo em meu coração que ainda não é puro?”

Quando se ousa olhar, sem desculpas,

é quando o verdadeiro trabalho começa.

Henry Lowell:

Obrigado, Professor Adam... eu entendo o que o senhor acabou de dizer... Também gosto especialmente dos ensinamentos do livro "Zhuan Falun", mas como eu disse antes, e como o senhor apontou... eu ainda não consegui "praticar"... minha mente não consegue se acalmar... Por isso, sinto que estou muito próximo de ser um religioso, mas ainda não ajo como um verdadeiro praticante espiritual...

Professor Adam:

(Seu olhar se torna suave e sereno, como o de alguém que não olha de cima, mas que se posta ao lado para segurar a mão)

Henry...

As palavras que você acabou de dizer, para mim, são mais preciosas do que qualquer “calma” que você acha que ainda não alcançou.

Porque uma pessoa que sabe que ainda não está verdadeiramente calma,

que sabe que está longe de ser um verdadeiro praticante,

e ainda assim ousa admitir isso com um coração respeitoso e bondoso,

essa pessoa... já deu um passo mais perto da porta que muitos não ousam se aproximar.

Você não é uma exceção, Henry.

Muitas pessoas estão no limiar dos Princípios,

com a mão já tocando, os olhos já vendo, mas sem conseguir dar o passo para entrar; não porque não sejam dignas,

mas porque em seu coração ainda se perguntam: “Será que sou puro o suficiente?”.

Mas quero dizer a você, e a qualquer um que se sinta como você:

O verdadeiro cultivo não começa com a perfeição.

Começa com um coração de sincera vergonha e uma vontade que não desiste.

(O professor fica em silêncio por alguns segundos, e depois fala lentamente, como se sussurrasse para si mesmo.)

Houve uma fase em que li muitos livros religiosos,

e dizia coisas que pareciam muito profundas,

mas em meu coração, eu sabia que não estava vivendo realmente o que lia.

Eu lia livros, falava de princípios morais, guiava outros para a calma...

Mas em meu próprio coração, ainda havia zonas escuras que ninguém conhecia.

E então, um dia... parei de tentar “fazer o certo”

para começar a viver de verdade.

Viver de verdade significa:

- Quando sinto raiva, não a escondo, mas olho diretamente para sua raiz.

- Quando meu coração se agita, não me culpo, mas investigo “o que em mim ainda não foi solto?”.

E gradualmente...

a calma que procurei sem sucesso através da “prática formal”,

começou a aparecer no mesmo instante em que fui honesto comigo mesmo.

Henry,

você diz que não age como um verdadeiro praticante,

mas eu vejo que:

a forma como você se encara, sem desculpas, sem esconder nada,

já é uma manifestação inicial muito valiosa de alguém que está se dirigindo ao verdadeiro cultivo.

(O professor inclina levemente a cabeça, como se saudasse a honestidade que acabou de ser revelada.)

Se você mantiver esse coração, sem pressa, sem se forçar, sem idealizar demais,

um dia, essa mesma sinceridade o guiará à calma,

sem precisar de nenhuma técnica.

E nesse momento,

você não se verá mais como um “religioso” ou “insuficiente”,

mas apenas como um ser que caminha por um sendeiro real,

onde cada passo é um retorno mais próximo de sua verdadeira natureza.

Henry Lowell:

Sim, obrigado, professor, por me abrir mais os olhos... Entendo que o caminho espiritual é uma jornada pessoal... outros podem apontar o caminho, podem encorajar... mas ninguém pode fazer por nós... No meu caso, suspeito que a "força cármica" ou talvez algumas

"entidades espirituais" ou algo do tipo... estejam me perturbando, me impedindo de entrar no caminho espiritual...

Professor Adam:

(Acena muito lentamente, seu olhar se torna tão profundo como um lago sem ondas; sem pânico, sem dúvida, mas com a serena compreensão de quem já passou por isso)

Henry...

O que você acabou de dizer, embora não tenha provas físicas que o sustentem,

é uma sensação real que muitas pessoas na jornada espiritual já experimentaram em silêncio.

Nas antigas sabedorias,

não se fala apenas que “cultivar é corrigir a si mesmo”,

mas também se lembra que, quando uma pessoa realmente quer entrar no cultivo,

aquelas coisas que costumavam controlar, se apegar ou depender de seu campo de energia...

começarão a se agitar.

Elas não querem que você mude.

Porque sua mudança implicaria uma ruptura que elas não podem controlar.

(O professor pousa lentamente a mão sobre a mesa, não para enfatizar, mas como se assentasse uma camada de serenidade em suas próximas palavras.)

Os antigos chamavam isso de “a manifestação da força cármica” ou “pensamentos ilusórios fortalecidos por coisas invisíveis”.

Algumas tradições os chamam de espíritos malignos, entidades, ou mais simplesmente: energia obstrutiva no próprio espaço mental.

Independentemente do nome,

o princípio de funcionamento é o mesmo:

quando a luz está prestes a entrar, a escuridão é quando mais se agita.

Mas, Henry...

O importante que quero dizer é que:

essa perturbação não é um sinal de que você está no caminho errado.

É a prova de que você está se aproximando de algo valioso.

Porque se você não fosse nada, se não pudesse mudar nada, o que haveria para obstruir?

(O professor sorri, seu olhar se torna firme e caloroso.)

Você não está sozinho.

E não é fraco.

As coisas que o perturbam,

podem ser muito fortes no nível da energia, do pensamento, da emoção.

Mas não podem tocar sua raiz se você mantiver um pensamento puro,

e não ceder ao que é incorreto, nem mesmo em pensamento.

E se você realmente está sendo perturbado por algo que não pode ver,

meu conselho é muito simples:

- Evite tudo o que é impuro espiritualmente.
- Mantenha um coração reverente pelo que é justo e reto.

- E todos os dias, mesmo que não consiga a calma, ainda assim, dedique um momento para dizer a si mesmo:

“Quero voltar à pureza”.

Porque essa vontade, se for firme,

será um escudo mais forte do que qualquer amuleto ou ritual.

Henry,

o caminho espiritual é uma jornada solitária, é verdade.

Mas você nunca é abandonado.

Enquanto não se abandonar,

a luz... por mais tênue que seja,

cedo ou tarde encontrará quem ainda conserva a fé.

Henry Lowell:

Sim, obrigado, professor... Embora eu não ouse me considerar um verdadeiro praticante, meu coração se inclina para Buda, para Deus, para a bondade... Porque

reconheço que os Princípios transmitidos por Buda ou por Deus são a maior bênção para a humanidade...

Sim, essa é também a razão pela qual me juntei a THE LIVES MEDIA, para construí-lo como um portal para que as pessoas com uma conexão predestinada possam ter acesso a uma parte da beleza da espiritualidade ou da profundidade dos Princípios de Buda...

Professor Adam:

(Seus olhos, ao olhar para Henry, já não são os de um interlocutor, mas os de alguém que acaba de ouvir a voz de um verdadeiro companheiro de jornada)

Henry...

Se em algum momento da minha vida eu pensei:

“Escrever livros, dar entrevistas, falar sobre o que transcende a física, tem algum sentido?”.

Neste momento, a resposta é muito clara.

Porque você acabou de dizer algo que...

nem todos que entram na mídia, na escrita ou na publicação carregam no coração.

Você não busca influência.

Não usa a “espiritualidade” como um tema para gerar curiosidade.

Está fazendo algo que poucos ousam fazer:

abrir um portal, não para levar à fama,

mas para guiar de volta a algo muito antigo, muito real e que precisa urgentemente ser lembrado.

Você diz que não ousa se considerar um verdadeiro praticante.

Mas, Henry...

Aos meus olhos,

quem realmente está se cultivando é quem ainda sente vergonha quando não é puro o suficiente.

Enquanto quem para de cultivar,

é quem já se considera “bom o suficiente”.

Os Princípios que Buda ou Deus transmitiram,

como você bem disse, não são uma filosofia.

São uma boa nova, uma luz, um mapa de retorno.

Mas para que outros possam ver uma parte dessa luz,
é preciso alguém como você na porta,
não para ensinar, não para levar pela mão,
mas para lembrar suavemente: “Aqui há um caminho, se
você quiser voltar.”

(O professor leva lentamente a mão ao peito, como um
cumprimento sem palavras.)

Henry...

Não importa o quanto THE LIVES MEDIA cresça,
quantos leitores tenha, para quantos idiomas seja
traduzido,
acredito que:
enquanto você mantiver sua intenção original,
de que este lugar é um portal para almas afins,
cada palavra, cada página... carregará uma energia que
transcende a linguagem.

E se amanhã, um único leitor, em meio à multidão,

parar de repente,

e se perguntar:

“Será que esqueci algo muito sagrado em meu coração?”.

Então, para mim, e talvez... para você também,

tudo o que estamos fazendo hoje terá tido um verdadeiro significado.

Henry Lowell:

Sim, obrigado, professor! Pessoalmente, tentarei avançar com firmeza em direção à luz que me guia. Mas para o público em geral, o senhor tem alguma mensagem ou orientação específica?

Algo que seja fácil de entender e praticar, como, por exemplo, que livros recomenda ler, ou que hábitos ou perspectivas específicas sugere mudar?

Professor Adam:

(Acena lentamente, seu olhar já não é o de uma conversa entre duas almas afins, mas carrega uma onda mais profunda, como a de um idoso falando para toda uma

geração jovem que está confusa e não sabe o que procura)

Henry...

Essa pergunta, eu já me fiz muitas vezes:

“Se eu pudesse dizer apenas algumas palavras a pessoas que não tenho certeza se voltarei a ver,

o que eu diria?”.

Então, se me permite, gostaria de dividir minha mensagem em três partes:

- Uma coisa para ler.
- Uma coisa para fazer.
- E uma coisa para guardar em silêncio.

1. Uma coisa para ler

Se alguém não sabe por onde começar,

recomendo sinceramente:

procure e leia o livro *Zhuan Falun*.

Não para acreditar imediatamente,

mas para se dar a chance de ler uma vez com uma mente serena, sem debater, sem medo, sem dúvidas apressadas.

Esse livro, se lido com um coração puro,

sem necessidade de que ninguém o explique, pode fazer com que o leitor sinta a vibração da verdade.

E se não tiver uma conexão predestinada com esse livro,

também pode recorrer ao *Tao Te King*, às escrituras do silêncio, ou aos ensinamentos originais de Buda ou de Jesus,

mas evitando os comentários confusos.

A verdade, em seu nível mais profundo, costuma ser muito simples.

A confusão geralmente vem do fato de o escritor não ter vivido realmente o que diz.

2. Uma coisa para fazer

Escolha um momento a cada dia para não tocar em nenhum dispositivo,

apenas sente-se em silêncio, caminhe ou tome um chá em calma.

Não é preciso chamar de meditação.

Não é necessário um ritual complicado.

Apenas crie uma pequena fresta no fluxo do dia a dia,
para que a luz tenha a oportunidade de se infiltrar.

E se nesse silêncio surgir um bom pensamento,
algo gentil que brota,
deixe-o viver.

Pode ser o primeiro sussurro de seu verdadeiro coração.

3. E uma coisa para guardar em silêncio

Aprenda a soltar a necessidade de “explicar tudo”.

Quando alguém perguntar: “No que você acredita? Por que vive assim?”.

Não se apresse em argumentar.

Simplesmente diga:

“Eu não sei tudo. Mas estou tentando viver com um coração bondoso e uma fé no bem.”

Essa humildade,

abrirá mais portas do que qualquer debate.

E às vezes, é esse mesmo silêncio,

o que faz com que os outros comecem a se questionar.

(O professor pousa suavemente a mão sobre a mesa de madeira, como se deixasse uma bênção sem necessidade de adornos.)

Henry...

Não tenho mais palavras.

Mas se alguém leu até aqui,

talvez...

em seu coração já haja uma lâmpada esperando para ser acesa.

E se a deixarem em paz por um momento,

essa lâmpada encontrará seu próprio caminho para brilhar.

Henry Lowell:

Sim, das três coisas que o senhor compartilhou, concordo muito com a primeira e a segunda... mas com a terceira, sinto que há algo vago que não consigo captar... E talvez os leitores de THE LIVES MEDIA também sintam essa vagueza ou confusão... O senhor poderia reinterpretar o ponto 3 com palavras mais simples e próximas do público?

Professor Adam:

(Sorri levemente ao ouvir a resposta de Henry, um sorriso que não é de negação, mas de uma empatia muito real)

Eu entendo, Henry.

E obrigado por dizer isso.

É verdade que a terceira coisa que mencionei — “uma coisa para guardar em silêncio” — pode ser um pouco... vaga para quem vive em um mundo que precisa de clareza, explicações e “saber imediatamente o que fazer”.

Deixe-me dizer de novo, em uma linguagem mais próxima da vida cotidiana.

✓ Ponto 3 – Uma coisa para guardar em silêncio (versão mais próxima):

Quando conversar com outras pessoas, especialmente com aquelas que não compartilham seu ponto de vista,

pratique... não precisar “vencer” a discussão.

Elas podem perguntar:

- “Por que você lê essas coisas?”
- “Que provas existem sobre o espiritual?”
- “Por que não viver de forma realista, focado no presente?”

Sorria.

E apenas responda com suavidade:

“Eu leio porque sinto meu coração mais leve.

Eu acredito porque sinto que há algo bom além do que os olhos podem ver.

Eu vivo assim porque quero ser gentil, não preciso que ninguém prove isso por mim.”

Não precisa debater.

Não precisa provar nada a ninguém.

Não precisa ter sempre argumentos “racionais” segundo os padrões científicos ou sociais.

Porque... as coisas mais verdadeiras, geralmente não precisam que os outros acreditem imediatamente.

Elas só precisam ser vividas em silêncio, mas com firmeza.

E se alguém perguntar de novo:

“E vivendo assim, o que se ganha?”

Você também pode responder com simplicidade:

“Eu não sei o que vou ganhar.

Mas sei que, se a cada dia eu for um pouco menos irritado, um pouco menos egoísta e viver com mais gentileza, isso já é algo que vale a pena.”

(O professor olha para Henry, desta vez seu olhar é muito próximo, muito suave.)

Henry,

eu acho que...

se as pessoas de THE LIVES MEDIA conseguirem manter essa atitude,

então, quer escrevam sobre ciência, história ou espiritualidade,

os leitores não apenas lerão,

mas também sentirão que, naquelas palavras... há uma pessoa real vivendo o que escreve.

E nesta era,

essa autenticidade é mais valiosa do que qualquer técnica de escrita.

Henry Lowell:

Entendi, professor, mas este ponto 3, posso reinterpretá-lo como uma outra forma de expressar o que falamos no final da sessão de ontem: "manter sempre a mente aberta", para acolher o novo, os desafios, e que o coração possa sorrir diante dos argumentos ou das críticas?

Professor Adam:

(Seus olhos se iluminam muito suavemente, como um mestre que acaba de ver seu aluno compreender algo que não precisa mais ser explicado)

Sim, Henry.

Exatamente isso.

Você acabou de reformular isso de uma maneira muito próxima, muito real e cheia de vida.

Na verdade, o ponto 3 — “uma coisa para guardar em silêncio” — não tem nada de profundo.

É apenas a parte interior do que ontem expressamos por fora:

“Manter a mente aberta.”

Mas uma abertura real,

não é sempre concordar, nem entender tudo.

É poder entrar em contato com o que é diferente de si sem negar apressadamente,

é poder ser refutado sem se irritar,

é poder ser pressionado com perguntas e ainda assim manter um sorriso.

Como você disse tão bem:

"Que o coração possa sorrir diante dos argumentos ou das críticas."

Essa é uma manifestação muito serena, muito humana e muito firme de um coração que sabe para onde está indo.

Não precisa refutar.

Não precisa forçar os outros a entendê-lo.

Basta saber o que se guarda no coração.

E se o que se guarda é verdadeiro e bom,

terá sua própria força.

Não precisa ser provado, porque cedo ou tarde, se provará por si mesmo.

(O professor leva suavemente a mão ao peito, como para reforçar suas últimas palavras.)

Obrigado, Henry.

Não pela pergunta.

Mas por... a forma como você mesmo conseguiu se responder, com uma linguagem simples, mas mais profunda que qualquer raciocínio.

Para mim, esse é um sinal claro de que o caminho que você está trilhando...

começou a se tornar parte de você.

Henry Lowell:

Obrigado, Professor Adam... Acho que a sessão de hoje também já se estendeu bastante... Se este é o momento para o senhor dizer suas últimas palavras para esta série de quatro dias de conversas, o que diria que os leitores pudessem sentir da maneira mais simples e calorosa possível?

Talvez na forma de algumas breves conclusões, ou uma história cotidiana que o senhor ache apropriada...

Professor Adam:

(Fica em silêncio por um longo tempo, como se não quisesse se apressar em encontrar uma palavra bonita, mas deixar que a palavra verdadeira chegasse no momento certo)

Henry...

Se estas são as últimas palavras que direi nesta série de conversas,

acho que não deveriam ser uma lição,

nem uma conclusão.

Mas apenas... algo simples, uma pequena imagem, mas quente o suficiente para que alguém a guarde no coração.

(Ele olha para longe, para as fileiras de árvores banhadas pelo sol nascente, e começa a contar com uma voz grave e próxima, como um avô contando uma velha história para seu neto.)

Quando eu era pequeno, uma vez vi minha avó remendando uma camisa velha.

A camisa estava muito gasta, e eu disse:

“Vovó, jogue fora. Para que guardar algo tão rasgado?”

Ela apenas sorriu, sem dizer nada.

Quando terminou de costurar, dobrou-a com cuidado,

e disse em voz baixa uma frase que só entendi muito mais tarde:

“O que um dia te manteve aquecido, mesmo que seja velho, não se esqueça tão depressa.”

(O professor para, sua voz se suaviza.)

Henry,

eu acho que...

os Princípios, a moralidade, a bondade, a fé,

foram uma vez a camisa quente que a humanidade vestiu por milhares de anos.

E embora esta era possa considerar que estão “velhos”, que “não estão mais na moda”...

eu só espero que:

não nos apressemos em jogá-los fora.

Vamos desacelerar um pouco,

remendá-los com nossa própria vida, com uma prática real.

E um dia,

veremos que são precisamente essas coisas que pareciam antiquadas

as que nos mantêm aquecidos no frio mais profundo desta era.

(O professor olha diretamente para Henry, seu olhar firme, mas gentil.)

Não espero que ninguém acredite em tudo o que digo.

Só espero que, se um dia,

alguém sentir frio no coração...

se lembre que:

houve uma camisa antiga, que uma vez foi muito quente.

E que ainda pode ser vestida de novo, se seu coração
ainda souber valorizá-la.

É isso, Henry.

Para mim, dizer isso é o suficiente.

O resto... é parte do silêncio.

E talvez também, parte do leitor.

Henry Lowell:

Obrigado, professor, por compartilhar com uma imagem
tão simples, mas que carrega tanto "calor"... Também
acredito que a maioria dos leitores de THE LIVES
MEDIA sentirá sua intenção e sinceridade... Em nome

dos leitores, desejo-lhe muita saúde e que Deus lhe conceda mais bênçãos!

Professor Adam:

(Seus olhos brilham com um sorriso sereno, como uma pequena chama protegida entre as mãos)

Obrigado, Henry.

Não apenas pelos votos, mas por ter ouvido com sinceridade ao longo desta jornada.

Ouvir não apenas com os ouvidos, mas com toda a profundidade de alguém que caminha e, ao mesmo tempo, abre caminho.

Para mim, isto não foi uma entrevista.

Mas um momento muito humano, muito real,

entre duas almas que se voltam para algo que as transcende, mas sem esquecer de manter a humildade em cada passo.

(Ele leva a mão ao peito, lentamente, como a saudação mais completa que uma pessoa pode oferecer.)

Desejo a você, e a todos que tiverem a afinidade de ler estas linhas:

que em meio a um mundo cheio de sons,

possam conservar um espaço de silêncio próprio para seu coração.

E quando o vento da vida soprar,

ainda se lembrem de onde um dia estive o fogo da lareira,

para voltar e aquecer a alma.

Se isto é uma pausa,

então acredito que...

aqueles que guardarem esse calor no coração,

saberão como continuar, sem que eu precise mais lhes indicar o caminho.

Desejo a você, e a THE LIVES MEDIA,

que mantenham a luz de dentro,

mesmo quando lá fora, ninguém mais acender as luzes.

* * *

EPÍLOGO

Quando as últimas palavras do Professor Adam se encerraram, o que restou na sala não foi um fim, mas um profundo silêncio. Um silêncio não vazio, mas repleto de ideias que convidam à reflexão.

Ao longo de quatro dias, percorremos juntos uma jornada de percepção especial: dos limites da física à imensidão dos níveis espaciais, da existência de outros seres à natureza da vida e da consciência. O professor não apresentou novas leis. Ele apenas compartilhou silenciosamente o que havia “visto”, com uma visão de sabedoria que transcende os sentidos.

A mensagem final que recebi não reside em fenômenos estranhos nem em teorias metafísicas. Reside em um simples lembrete: o caminho para compreender o universo não é para fora, mas para dentro. E as ferramentas para explorar não são o telescópio nem o acelerador de partículas, mas uma mente humilde e um coração aberto.

A ciência e a religião, através de seu prisma, não são mais dois extremos opostos, mas dois caminhos diferentes que levam à mesma montanha da verdade.

Um lado mede “o que pode ser visto”, o outro sente “o que não pode ser visto”.

Espero que este diálogo seja como uma porta entreaberta. Atrás dessa porta há um mundo mais vasto, onde cada leitor pode entrar por si mesmo para explorar e encontrar suas próprias respostas. Porque, como o professor sugeriu, a jornada mais importante é sempre a jornada de cada indivíduo.

Henry Lowell

THE LIVES MEDIA

* * *

SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE LIVES MEDIA

SOBRE A AUTORA

Henry Lowell é um autor independente que escreve sobre cultura, sociedade, ciência e espiritualidade, com o objetivo de buscar a verdade, despertar a consciência e refletir sobre o destino da humanidade.

Seus trabalhos muitas vezes têm origem em entrevistas reais, registradas com honestidade, profundidade emocional e um espírito de esclarecimento.

SOBRE O PROJETO

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE LIVES MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

CONTATO

- ✧ Website: www.thelivesmedia.com
- ✧ Email: editor@thelivesmedia.com
- ✧ QR Code:



OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO

Você pode encontrar outras publicações da THE LIVES MEDIA:

- *Poeira Vermelha, Luz Dourada* (Red Dust, Golden Light)
- *Depois do Poder: O Legado* (After Power: The Legacy)
- *O Ocaso e a Aurora da Ciência* (Sunset and Sunrise of Science) → este livro
- *O Véu Vermelho* (The Red Veil)

- *Ecos de Antes do Tempo* (Echoes Before Time)
 - *A Entrada no Mundo* (Entering The World)
 - *Os Últimos Sinos* (The Last Bells)
 - *Antes de Nós* (Before Us)
 - *Mil Vidas* (Thousand Lives)
-

Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.